

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LETÍCIA ROCHA DE SOUZA

O processo urbano dos bairros periféricos da zona norte de São Paulo e as consequências de sua exclusão socioespacial: o caso do Jardim Fontális e bairros adjacentes.

The urban process of the peripheral neighborhoods in the northern zone of São Paulo and the consequences of their socio-spatial exclusion: the case of Jardim Fontális and adjacent neighborhoods.

**São Paulo
2023**

LETÍCIA ROCHA DE SOUZA

O processo urbano dos bairros periféricos da zona norte de São paulo e as consequências de sua exclusão socioespacial: o caso do Jardim Fontális e bairros adjacentes.

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Junior

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Si

SOUZA, LETÍCIA ROCHA DE

O processo urbano dos bairros periféricos da zona norte de São Paulo e as consequências de sua exclusão socioespacial:O caso do Jardim Fontális e bairros adjacentes. / LETÍCIA ROCHA DE SOUZA; orientador RICARDO MENDES ANTAS JÚNIOR. - São Paulo, 2023.

86 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Periferização. 2. Suburbanização. 3. Tremembé-Jaçanã. 4. Moradias. 5. Exclusão socioespacial. I. ANTAS JR., RICARDO MENDES, orient. II. Título.

SOUZA, Letícia Rocha de. **O processo urbano dos bairros periféricos da zona norte de São Paulo e as consequências de sua exclusão socioespacial: O caso do Jardim Fontális e bairros adjacentes.** Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho à minha família, minha mãe, meu pai e minha irmã, que sempre me apoiaram, assim como a todos os meus familiares de Minas Gerais e da Bahia, que muito me ensinaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter chegado até aqui, mesmo que parecesse impossível, e por ter realizado um desejo do meu coração de fazer esta faculdade no curso que eu tanto queria, além de toda proteção. Ter sido a última da lista de espera a ser chamada para a vaga neste curso tem um grande significado para mim, sendo o de não perder a fé em Deus e de que a gente pode conseguir algo que muitos dizem que não é para nós. Agradeço muito à minha mãe, Ana Maria, que sempre me incentivou, me apoiou, fez o possível e impossível por mim e minha irmã, cuidou da gente, me mostrou a importância dos estudos e sempre fez questão de ensinar para nós que mesmo com as dificuldades poderíamos realizar nossos sonhos. Mãe, te agradeço por tudo e por ser um grande exemplo de vida para mim! Agradeço ao meu pai, Amiro, que sempre me apoiou e incentivou a estudar, a correr atrás dos meus sonhos, a ter fé, a se afastar das coisas ruins e a dar valor à música como uma identidade assim como também a dar valor ao lugar de onde eu vim, mesmo que haja dificuldades, mas sempre ensinou a amar a 'quebrada' e nunca ter vergonha dela. Obrigada por tudo, paíño! Agradeço à minha irmã por todo apoio, incentivo, trocas de ideia sobre vários assuntos e por compartilhar essa realização comigo, essa caminhada. Agradeço ao meu namorado, por todo apoio, por toda troca de ideia, por sempre estar disposto a me ajudar quando eu precisava e por todos os ensinamentos que me proporcionou. Agradeço à minha avó materna e aos meus avós paternos, por serem pessoas incríveis e por terem me ensinado a importância da roça e da natureza.

Os amigos que fiz nessa faculdade eu levo para a vida, sem eles eu não conseguiria ter chegado até aqui, então agradeço muito à Vitória Pereira, Luiz Silva, Liliane Camargo e ao Eliseu Schunemann! Muito obrigada pela amizade de vocês, pelas risadas, parcerias, ajudas, conselhos, trabalhos de campo, apoio e por toda alegria que vocês me proporcionaram nessa graduação. Agradeço também a turma de Geografia de 2018, com tanta gente legal e que fizeram a graduação ser mais leve e divertida, que se eu for listar cada nome vou ficar aqui muito tempo. Agradeço a todos os amigos que fiz na UBS Jardim Fontális, que eram mais que colegas de trabalho, se tornaram grandes amigos e me incentivaram muito até mesmo para realizar pesquisa na área da saúde nesta graduação, da qual tenho muito orgulho e agradeço pela oportunidade de ter sido Agente Comunitária de Saúde. Agradeço a

toda a galera do Cursinho Popular da Casa Cultural Hip-Hop Jaçanã e do projeto Prato Verde Sustentável por terem feito parte dessa caminhada e ter sido uma escola para mim.

Agradeço aos meus vizinhos que participaram da minha pesquisa me concedendo entrevistas, além de todos os amigos do bairro que me ajudaram e tornaram esse trabalho possível. Agradeço a professora Lucinda que assim que me matriculei nessa graduação ficou muito feliz e me deu seus livros de Geografia para apoiar meus estudos, além de ter sido uma grande inspiração para eu ter escolhido essa área. Agradeço à minha professora Fátima por ter me apoiado e me ajudado não só quando eu era sua aluna quando criança mas também depois de adulta. Agradeço à minha professora Sueli Costa (in memoriam), que me deu aula na 2ºsérie e quando passei na USP a encontrei por acaso e se emocionou com essa conquista.

Agradeço ao meu professor orientador Ricardo Mendes, por todo apoio, paciência, incentivo, dedicação, ensinamentos que me deu, por todas as reuniões que me ajudaram muito, por ter tornado essa etapa difícil mais humana e por toda a compreensão que teve comigo. Muito obrigada também por ser um ótimo professor, onde suas aulas de Geografia Urbana II foram uma grande inspiração para mim. Muitíssimo obrigada por absolutamente tudo, professor!

Ás vezes com certas palavras
Se consegue fazer entender,
Uma mensagem em que se enquadra
Um incentivo pra quem quer aprender.
Cada um com seu destino,
Lutando por seu valor,
Se caminhar na trilha da paz
Nunca vai passar terror.
Porque o mundão tá ai
Com vários lados pra seguir,
Agradeço a Deus e firme forte Eis-me aqui.
Agradeço a Deus e firme forte eis-me aqui[...]

Eu Sei, MC Felipe Boladão.

RESUMO

SOUZA, Letícia Rocha de. **O processo urbano dos bairros periféricos da zona norte de São Paulo e as consequências de sua exclusão socioespacial: O caso do Jardim Fontális e bairros adjacentes.** 2023. 86 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O presente trabalho trata-se de analisar o processo urbano da zona norte do município de São Paulo, tendo como área de estudo a zona norte 1 e as consequências da exclusão socioespacial que houve nesse processo, tendo em vista mais especificamente os bairros periféricos dos distritos Tremembé e Jaçanã. O contexto histórico é um fator importante neste trabalho para entender como foi a formação desta cidade e sua expansão, onde os agentes econômicos, políticos e sociais tiveram grande influência resultando em uma cidade heterogênea e segregada, principalmente a partir do início do século XX onde o processo de expulsão dos moradores mais pobres do centro da cidade para as áreas mais afastadas se tornou mais intenso. A mudança dos subúrbios e o surgimento das periferias mostra como o território se transformou e analisá-lo é imprescindível para entender as dinâmicas atuais que o permeiam e também as lutas sociais que surgiram para que houvesse melhorias na cidade para a população pobre, sendo a mais prejudicada em diversas áreas que possibilitam qualidade de vida como moradia, saúde, educação, transporte e demais aparatos de infraestruturas necessárias para a cidade. O foco no bairro Jardim Fontális e os demais bairros adjacentes ajudam a compreender a formação socioespacial dessa parte da periferia da zona norte, onde este trabalho busca entender este processo à luz das perspectivas dos moradores desta região, que vivenciaram este período e o atual. Além disso, a questão do lazer e do direito à cidade faz parte do espaço urbano e portanto é inserido nesta temática sendo considerado por conta de sua importância para uma melhor qualidade de vida na cidade onde muitas vezes esses espaços são ignorados pelo governo para a população periférica.

Palavras-chave: Periferização; Suburbanização; Tremembé-Jaçanã; Moradias; exclusão socioespacial.

ABSTRACT

SOUZA, Letícia Rocha de. **The urban process of the peripheral neighborhoods of the northern zone of São Paulo and the consequences of their socio-spatial exclusion: the case of Jardim Fontális and adjacent neighborhoods.** 2023. 86 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The present work aims to analyze the urban process of the northern area of the city of São Paulo, having as area of study the northern zone 1 and the consequences of socio-spatial exclusion that occurred in this process, taking into account more specifically the peripheral neighborhoods of the districts Tremembé and Jaçanã. The historical context is an important factor in this work to understand how was the formation of this city and its expansion, where economic, political and social agents had great influence resulting in a heterogeneous and segregated city, especially from the early twentieth century where the process of expulsion of the poorest residents from the city center to the outlying areas became more intense. The change of the suburbs and the emergence of the peripheries show how the territory was transformed and analyzing it is essential to understand the current dynamics that permeate it and also the social struggles that arose so that there could be improvements in the city for the poor population, which is the most impaired in several areas that enable quality of life such as housing, health, education, transportation and other infrastructure necessary for the city. The focus on Jardim Fontális and other adjacent neighborhoods helps to understand the socio-spatial formation of this part of the northern periphery, where this work seeks to understand this process in the light of the perspectives of the residents of this region, who experienced this period and the current one. Moreover, the issue of leisure and the right to the city is part of the urban space and therefore is inserted in this theme being considered because of its importance for a better quality of life in the city where these spaces are often ignored by the government for the peripheral population.

Keywords: Peripheralization; Suburbanization; Tremembé-Jaçanã; Housing; Socio-spatial exclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fotografia da área loteada.....	p.26
Figura 2. Fotografia da área com a abertura da estrada.....	p.27
Figura 3. Fotografias do bairro no início dos anos 2000.....	p.62
Figura 4. Fotografias do bairro no início dos anos 2000.....	p.63
Figura 5. Fotografias do bairro no início dos anos 2000.....	p.64
Figura 6. Fotografia do bairro do ano de 2021.....	p.65
Figura 7. Fotografia do bairro do ano de 2023.....	p.65
Figura 8. Fotografia do bairro do ano de 2021.....	p.66
Figura 9. Fotografia do bairro do ano de 2022.....	p.67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Eventos importantes para a ocupação e consolidação do Tremembé...p.29

Tabela 2: Proporção(%) estimada de domicílios em favelas em relação ao total de domicílio.....p.47

Tabela 3: Equipamentos públicos de cultura.....p.74

LISTA DE MAPAS

Mapa 1.	Mapa sobre a área de estudo geral.....	p.19
Mapa 2.	Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1950/1962.....	p.31
Mapa 3.	Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1963/1974.....	p.32
Mapa 4.	Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1975/1985.....	p.33
Mapa 5.	Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1986/1992.....	p.34
Mapa 6.	Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1993/2002.....	p.35
Mapa 7.	Mapa sobre a segregação das favelas nos distritos de Vila Guilherme, Vila Maria e Vila Medeiros.....	p.49
Mapa 8.	Mapa sobre a distribuição dos vazios urbanos no município de São Paulo.....	p.60
Mapa 9.	Mapa sobre saúde e moradia na área de abrangência da UBS Jardim Fontális.....	p.70
Mapa 10.	Mapa sobre a distribuição de áreas de lazer e cultura no município de São Paulo.....	p.73

LISTA DE SIGLAS

PPP	Projeto Político-Pedagógico
JT	Jaçanã/Tremembé
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
CIC	Centro de Integração à Cidadania e a Fábrica de Cultura do Jaçanã)
SEHAB	Secretaria Municipal de Habitação
SEAD	Sistema Estadual de Análise de Dados
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
UBS	Unidade Básica de Saúde
ESF	Estratégia Saúde da Família
CJ	Centro para Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: OS PERÍODOS DA EXPANSÃO URBANA NA ZONA NORTE DE SÃO PAULO.....	18
1.1- ORIGENS DA OCUPAÇÃO DA ZONA NORTE E A FORMAÇÃO DOS BAIRROS.....	19
1.2- AS REGIÕES SUBURBANAS EM MEADOS DO SÉCULO XX.....	23
1.3- A FORMAÇÃO DAS PERIFERIAS NA ZONA NORTE.....	36
CAPÍTULO 2: LUTAS SOCIAIS E PROBLEMAS URBANOS NA PERIFERIA.....	40
CAPÍTULO 3: O CASO DO JARDIM FONTÁLIS E BAIRROS ADJACENTES.....	52
3.1 A QUESTÃO DO LAZER E O DIREITO À CIDADE NA REGIÃO.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
APÊNDICE.....	87

INTRODUÇÃO

O processo urbano na cidade de São Paulo varia de acordo com cada região apesar de ter características semelhantes. A Zona Norte 1 foi utilizada como um recorte espacial para entender esse processo, até chegar mais especificamente nos distritos Tremembé e Jaçanã onde seus bairros periféricos compõe a análise socioespacial deste estudo, tendo em vista os primórdios destes bairros quanto à sua ocupação, desenvolvimento, problemáticas envolvidas e experiências dos moradores que viveram esse período e vivem a atualidade dessa região, onde a forma em que foi ocupada implica na questão da formação das periferias e isso é um assunto importante de ser tratado pois revela características da urbanização atual, bem como a do período inicial dessas ocupações, além das características de uma sociedade que tem a desigualdade e a segregação de forma estruturante.

A falta da ação do Estado quanto a políticas públicas junto a fatores econômicos e sociais geraram problemas urbanos tanto nas décadas anteriores como na atual, em relação ao acesso à moradia para a população de baixa renda, saúde, educação, transporte e até mesmo na questão do lazer, quanto à disponibilidade de espaços públicos assim.

Os movimentos sociais vão nessa contramão, promovendo uma transformação do espaço urbano com suas ações nas lutas sociais, seja com a população construindo suas próprias moradias, seja procurando pelos órgãos públicos para reivindicar o direito à uma unidade básica de saúde, escolas, pavimentação das ruas, ou se organizando para promover um espaço de lazer e cultura que atenda à região como as Casas de Cultura, que neste caso trata-se de uma ocupação independente, pensando no poder de transformação da realidade social que o lazer e a cultura podem promover no lugar em que se está instalado e para quem o acessa.

Portanto, a periferia junto a seus bairros levanta diversas questões que devem ser analisadas tendo em vista o conjunto maior como o da cidade de São Paulo, mas também as características próprias de cada bairro, onde os relatos dos moradores

são primordiais para entender essa realidade, suas percepções e potencialidades, além de analisar o papel e a influência do Estado nesses lugares.

Sendo assim, no capítulo 1 foi abordado a história da cidade de São Paulo, sua expansão e ocupação da zona norte, bem como a formação dos bairros e as regiões suburbanas como um fator importante para a compreensão deste território dentro de seu contexto e também a formação das periferias, sendo um dos focos deste trabalho, onde no capítulo 2 irá ser abordado de forma mais específica este conceito tendo em vista as lutas sociais para melhorias dos problemas urbanos. Já no capítulo 3 o bairro Jardim Fontális e os demais bairros adjacentes irão ser tratados de forma mais ampla para se entender como ocorreram essas dinâmicas tendo esta área periférica como objeto de estudo deste processo.

CAPÍTULO 1: OS PERÍODOS DA EXPANSÃO URBANA NA ZONA NORTE DE SÃO PAULO.

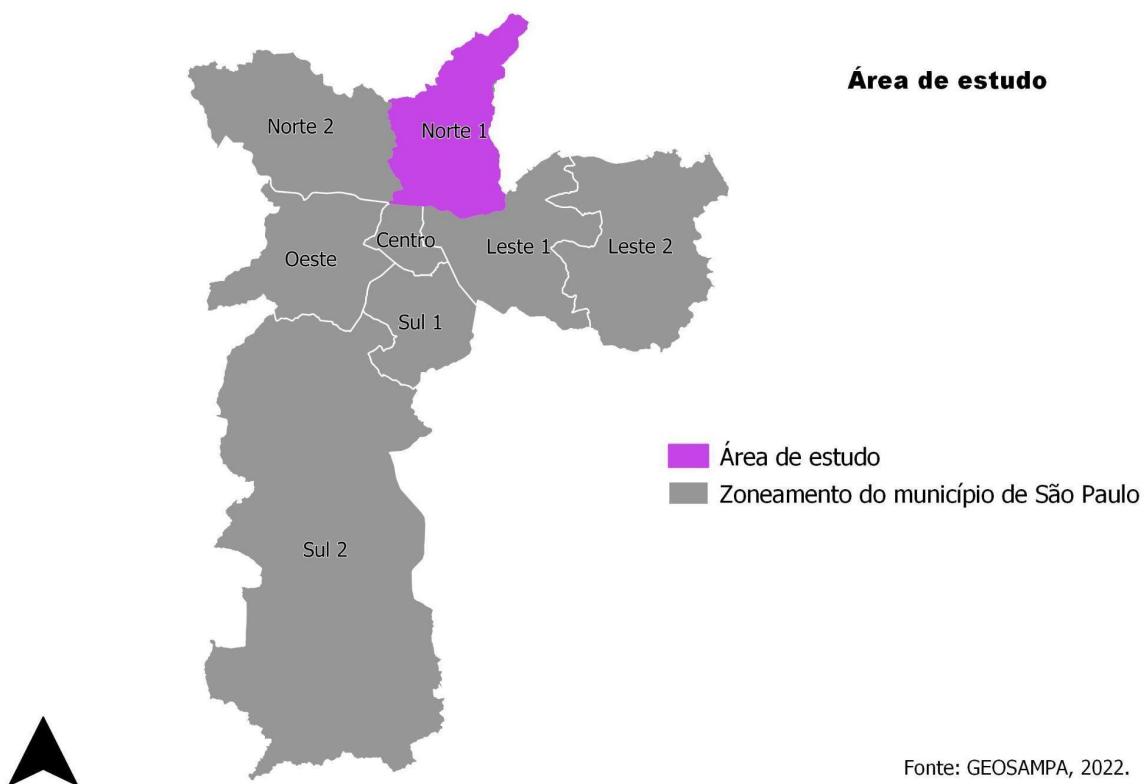
A formação da cidade de São Paulo levanta diversas questões sobre seu sítio, como onde começou, para onde se espalhou, e o que sucedeu em diferentes momentos da sua história. O que ocorreu em seu início reflete no momento atual, e estudar seu processo de desenvolvimento é imprescindível para compreender as dinâmicas espaciais estabelecidas.

Historicamente, sua formação envolve fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que resultaram em uma cidade com enorme desigualdade socioespacial, e que pretendemos abordar nesta pesquisa a partir da formação da zona norte da cidade de São Paulo e, mais especificamente, a parte nordeste desta zona ou também chamada de Zona Norte 1, isto é, o distrito de Tremembé e a subprefeitura de Jaçanã/ Tremembé.

Elegemos essa parte da cidade pois ela nos permite analisar o processo da expansão territorial da cidade, que ocorreu de forma mais intensa na passagem do final do século XIX para o início do século XX, e que levou a formação dos subúrbios e, posteriormente, após anos 1950/70, se deu o período de formação das periferias na metrópole paulistana, que muito difere da zona central, assim como de outras periferias da cidade.

Os bairros periféricos da zona norte, localizados “aos pés” da Serra da Cantareira, próximos à divisa dos municípios de Guarulhos e Mairiporã, tem muito a dizer sobre a história da cidade e a formação da paisagem urbana onde constatamos suas marcas mais características. Mas nosso interesse é de, principalmente, analisar as dinâmicas atuais desses bairros e a geografia é uma importante ciência para entendê-la a partir de uma abordagem espacial. Os bairros como Jardim Fontális, Jardim Felicidade, Jova Rural, Filhos da Terra, Vila Zilda, Jardim Hebron, Jardim Joana D'arc, entre tantos outros, por vezes parecem um só, mesmo com suas diferenças, e por isso serão analisados em suas questões, perspectivas, passado e atualidades específicos. A grande área desta pesquisa é a Zona Norte 1, estando sinalizada no mapa abaixo segundo a base de dados do Geosampa:

Mapa 1: Mapa sobre a área de estudo geral.



Autores: Vinicius Deocleciano, Letícia Rocha e Equipe Labcart, 2023.

1.1 ORIGENS DA OCUPAÇÃO DA ZONA NORTE E A FORMAÇÃO DOS BAIRROS.

No livro *A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana*, escrito por Aroldo de Azevedo (1958), o autor fala sobre a formação da cidade de São Paulo, que teve seu início com a construção de um colégio jesuíta onde hoje é a área central do município, próxima aos rios Tamanduateí e Anhangabaú, em janeiro de 1554.

A hidrografia, que tem o Tietê como principal rio, e os demais rios e córregos que lhe são tributários, a terra fértil para a agricultura de subsistência, e a proximidade com a Serra do Mar, como Cubatão, onde havia núcleos portugueses, fizeram com

que os colonizadores jesuítas se estabelecessem nesse lugar. Anos depois chega a agricultura de cana de açúcar e passou a ser uma grande economia até o século XIX e foi substituída pelas plantações de café, que se tornou o principal produto da economia paulista, e logo também do Brasil.

Entender a formação da cidade, suas bases e valores é necessário para entender o desenvolvimento das grandes zonas de São Paulo que em seu início as características rurais eram predominantes na extensão do território com concentrações pequenas de uma população voltada para as atividades urbanas que passaram por um processo de industrialização, sendo um fator de influência na dinâmica do território e também coexistindo com pequenas concentrações de uma população rural, principalmente no início do século XX até os anos anteriores à 1950 com a suburbanização paulistana. Mesmo com a expansão urbana e séculos de diferença de seus primórdios, ainda assim certos valores continuam a estruturar uma sociedade, então é importante conhecer a história que a precede.

A zona norte tem as suas bordas coincidindo com os limites da Serra da Cantareira, que por conta de seu relevo montanhoso dificultou a sua ocupação pela grande massa da cidade. A formação das estradas foi um fator que levou ao processo de expansão urbana a um patamar maior, onde possibilitou que a população fosse cada vez mais se afastando do centro da cidade para os subúrbios, e que essas estradas fossem ao mesmo tempo conectadas ao seu centro, onde localizava-se grande parte das oportunidades de trabalho, e os subúrbios, frequentemente, era o local das moradias dessas pessoas.

O texto de Holston, “A cidadania insurgente”, explica esse processo na cidade de São Paulo, onde a população concentrava-se na região central, sendo o local de moradia, trabalho e lazer, porém a partir das primeiras décadas do século XX tem início um processo de expulsão da população pobre que foi realizado pelo governo e pela elite econômica da cidade para que fossem morar cada vez mais afastados dessa área da cidade e o capital imobiliário, de então, valorizou economicamente realizando loteamentos e se apropriando das áreas mais valorizadas.

Assim, cortiços foram demolidos com o pretexto de obras de modernização da cidade e obras para alargamento de avenidas, a crise das casas de aluguéis, com a

lei do inquilinato de 1942, também influenciaram para que essa população fosse para áreas afastadas do centro da cidade em busca de moradia própria, ainda que irregular, mas que o governo permitia por estar afastado do centro, como refere Holston:

Enquanto a linha de frente dessa expansão erodia as regiões mais afastadas, o termo "periferia" passou a se referir não só à forma como os pobres construíam a cidade através da construção de suas casas e da urbanização que promoveram. As periferias também se tornaram e permanecem sendo o lugar dos pobres e para os pobres em São Paulo (...) , a periferização das cidades brasileiras pôs os pobres na periferia e deixou os ricos no centro. Essa segregação residencial se estabeleceu em São Paulo nas décadas de 1940 e 1950 com o crescimento dos primeiros anéis de bairros periféricos, como Vila Maria, Vila Guilherme e Vila Prudente (mapas 5.1 e 5.3). Esses bairros foram erguidos pouco além da cidade velha (principalmente Sé e Santa Ifigênia) e das primeiras áreas industriais (Barra Funda, Bom Retiro, Belém, Moóca e Pari). Como veremos, essas periferias se tornaram o único lugar possível de se morar para os novos migrantes que chegaram a São Paulo quando as classes trabalhadoras foram expulsas de suas casas em áreas mais centrais. (HOLSTON, 2008, p.203).

Ou seja, esse processo de suburbanização e, após esse período, o processo de periferização, teve uma contribuição significativa desses aparatos citados anteriormente. A partir do conceito de José De Souza Martins sobre a suburbanização, William Soto refere

Para Martins, o subúrbio é uma realidade pouco explicada. Segundo ele, no subúrbio o rural ainda está presente e o urbano nunca se constituiu plenamente. (...) Na origem do termo há uma clara vinculação entre o desenvolvimento da cidade e o surgimento do subúrbio como conceito. A partir do desenvolvimento da cidade e das atividades urbanas, esta deixa de ser mero apêndice do campo. É o campo que se torna apêndice da cidade. O subúrbio está na transição do campo para a cidade, nele se suavizam as mudanças radicais. O subúrbio representaria um espaço intermediário entre a cidade e o campo. (..) Martins (2008) insiste na distinção das noções de subúrbio e periferia. Cada uma delas expressa problemas distintos. A noção de periferia nos remete à urbanização caótica e à inclusão social precária.(SOTO, 2008, p. 113-114).

Considerando essa concepção, o subúrbio tem características diferentes da periferia quanto ao seu conteúdo social e ao seu período. Enquanto o subúrbio, formado antes dos anos de 1950, tem características urbanas sem se constituir de fato como tal e que se misturam com a presença de características rurais, como hortas e galinheiros, a periferia é fruto de uma mudança social após os anos de 1950/70

vinda de uma formação urbana caótica e com muitos problemas sociais agravados. Tanto os subúrbios quanto as periferias tem seus problemas sociais característicos de seus períodos.

A expansão da malha rodoviária, trens e bondes fez com que essa população trabalhadora pudesse utilizar desses meios de transporte para voltar ao centro para trabalhar, tendo em vista que o governo e a elite queria essa população no centro da cidade apenas para isso, e não para desfrutar dos espaços de lazer, moradia ou algo assim. Conforme essa expansão se estabelecia através dos bairros que iam surgindo, formou-se um “padrão de assentamento periférico” como diz Holston, sendo uma forma que caracterizou a expansão do território urbano tendo em vista a forma que a população pobre encontrou de conseguir uma moradia.

Após esse processo de assentamento e instalação de infraestruturas básicas, há uma valorização desta parte da periferia que, com o tempo, as próximas pessoas que buscam uma moradia e não tem condições acabam por fazer esse mesmo percurso só que em lugares mais afastados ainda, e assim vai se expandindo a mancha urbana e se estabelecendo esse fenômeno, como será discutido durante esse capítulo. Toda essa questão foi influenciada pela elite progressista de São Paulo, que tinha um projeto político sobre essa separação das moradias tendo em vista as classes sociais, chamada de "administração científica da sociedade", onde economistas, arquitetos, engenheiros, psicólogos, especialistas em saúde pública, sociólogos, planejadores criminologistas e pessoas relacionadas à administração e indústrias fizeram diversas pesquisas sobre as condições de vida da classe trabalhadora porém com o objetivo de “organizar” a cidade através do viés de produção capitalista desse espaço com o intuito de afastar a população pobre do centro da cidade, começando pela eliminação dos cortiços pois essa elite considerava a população pobre e que moravam em cortiços como pessoas “imorais” e que prejudicavam a cidade, onde muitos de seus artigos justificando esse processo tinham como título “A habitação e a moral”, “Moradia econômica e higiene social”, entre outros títulos que Holston refere em seu texto, onde denuncia esse preconceito que foi utilizado como justificativa para essa expulsão, com argumentos de preconceitos cientificamente legitimados (Checchia, 2015) mostrando então como a elite hegemônica conseguiu manipular e fazer seu projeto de cidade com

base na exploração da classe trabalhadora, até mesmo nos aspectos mais ínfimos como o cotidiano. Esse projeto é explicado por Holston:

Para promover seu conceito de administração social científica, fundaram institutos e forças-tarefas, patrocinaram pesquisas, publicações e conferências, e formularam iniciativas legislativas e políticas públicas (...) Ativos durante os anos 1930 e 1940, os dois institutos identificaram a moradia das classes trabalhadoras como tema-chave na interseção de suas principais preocupações: expandir a produção industrial criando um mercado de consumo de massa, disciplinar as "classes perigosas" para produzir trabalhadores mais qualificados e "ajustados", e reformular São Paulo para que se tornasse local de uma sociedade moderna e sadia. Segundo seu ponto de vista, as casas existentes eram o problema, e novas habitações seriam os meios para aqueles fins. O vilão em quase todos os diagnósticos eram os bairros operários infestados de cortiços (...) que eram suscetíveis, por essas razões, à propaganda da luta de classes e do comunismo; e limitavam o consumo a níveis muito inferiores àqueles necessários para a expansão industrial. (HOLSTON, 2012, p.213).

Esses preconceitos citados continuaram a permear a estrutura dessa sociedade, na qual influenciou nos processos da formação urbana da cidade de São Paulo e continuam a influenciar, tendo suas bases de forma estrutural, como foi visto na citação acima.

1.2 AS REGIÕES SUBURBANAS EM MEADOS DO SÉCULO XX

Ainda sobre o processo de ocupação da zona norte, já com uma maior expansão se distanciando da região central, o distrito de Tucuruvi também era uma área rural na qual tinha um sítio chamado "Sítio Lavrinhas", que se tornou importante para a compreensão do aumento populacional e a expansão urbana nessa região, pois após sua venda e processos de loteamentos, deu origem ao bairro Vila Mazzei na década de 1910. O jornal SP Norte explica seu surgimento:

Nascida pelas mãos de imigrantes europeus, a Vila era um grande terreno de 500 mil m² – o Sítio Lavrinhas, Ex-Pedregulho – de propriedade de Cláudio Ignácio Joaquim. Ao vender as terras para os irmãos italianos Manuel e Henrique Mazzei, a vila começou a tomar forma: os novos proprietários tiveram a ideia de fazer uma divisão em lotes com 10 m de frente por 40 ou 50 m de fundos. A área era ocupada por pomares e jardins que aproveitavam o declive acentuado dessa região... Dentro de uma proposta comercial, os lotes da Vila Mazzei começaram a ser vendidos em 1912, mas apenas em 1915 recebeu seu primeiro morador – Sr. Antônio Pedroso de Magalhães, que residiu no local por pouco tempo e logo se mudou para o Brás. (JORNAL SP NORTE, 2018, s.p.).

Então a questão da concentração das grandes propriedades de terras estar sob a posse de poucos aparece no processo de ocupação desse bairro, onde o dono Claudino Ignácio tem uma rua com seu nome na Vila Mazzei, assim como o sobrenome dos irmãos imigrantes italianos está nomeando o bairro, mostrando as influências desse processo.

Com a construção do Tramway Cantareira, que funcionou de 1893 à 1965, houve uma nova fase para a região do Tucuruvi e de suas proximidades, onde através dos novos ramais influenciaram no desenvolvimento de infraestrutura das regiões em que se encontravam, e em 1925 a estação Vila Mazzei foi construída pelo Manuel Mazzei, na qual refere no artigo do jornal SP Norte, referindo também sobre parte de seu itinerário:

Desta estação, saía o ramal da Pedreira, que seguia pelo leito da atual Rua Manoel Gaia até atingir a atual Av. Maria Amália Lopes de Azevedo, onde havia uma grande pedreira nas encostas da Serra da Cantareira, hoje desativada. A estação de Vila Mazzei foi desativada com o ramal, em 1965. Foi demolida. Ficava onde hoje se cruzam as ruas Pero Vidal, Manoel Gaia e Benjamim Pereira. (JORNAL SP NORTE, 2018, s.p.).

[A](#) tese de doutorado de Stanley Plácido da Rosa Silva, com o título de “O Tramway da Cantareira e sua relação com o desenvolvimento local: infraestrutura urbana e transporte de passageiros (1893-1965)”, trás mais informações sobre o porquê da construção dessa linha de trem e de sua importância para o desenvolvimento da cidade, em especial o da zona norte de São Paulo, cuja motivação inicial de sua construção foi a crise hídrica, pois o Tramway auxiliou na construção das obras de captação de água dos mananciais da Cantareira, e em 1894 foi utilizado como transporte de passageiros aos finais de semana, e logo após, começou a funcionar diariamente:

Verificado o saldo positivo dessa decisão, em novembro, o transporte de passageiros prosseguiu, dessa vez de forma diária, semeando certo otimismo quanto ao movimento de usuários, e fazendo com que o governo, no médio prazo, vislumbrasse possibilidade de ocorrer desenvolvimento localizado, em razão desse tráfego férreo, naquela parte da cidade, e o consequente aumento do número de pessoas transportadas (...) Não obstante as possibilidades futuras de povoamento da região servida pela linha férrea, a empresa já contabilizava os ganhos imediatos propiciados pelo transporte de carga. Como já observado, esta última modalidade trazia grande economia para o governo, visto que ele se desonerava dos custos do transporte de materiais, ao mesmo tempo em que se abastecia de pedras “de boa qualidade”, cujos preços, nesse sistema, eram “ínfimos”, a

serem utilizadas na construção das pontes da Av. Tiradentes e de São Caetano, que estavam a cargo da seção Tamanduateí, além de outras diversas. Dessa maneira, em seu primeiro ano, além de um grande número de passageiros, foram transportadas também mais de 3.908 toneladas de cargas, entre pedras, tijolos, telhas, canos de ferro, canos de barro e cimento. Nos anos posteriores, foi evidente o papel auxiliar desempenhado pela ferrovia nas obras a cargo do Estado, e, por isso, foram propostas alterações no seu traçado, visando, principalmente, localizá-lo de forma adequada para sua futura utilização em obras governamentais, do que no intuito de melhor servir aos passageiros (ROSA SILVA, 2018, p.43).

Então o autor refere que mesmo que inicialmente a função do Tramway da Cantareira fosse para levar materiais e trabalhadores para a construção do reservatório que abasteceria a cidade com água, ainda assim serviu para o transporte de materiais para obras do Estado, transporte de alimentos entre a zona norte e o centro e também para o transporte de passageiros para ida e volta, onde ligou a zona norte ao centro da cidade e demais áreas.

O bairro de Jaçanã, que inspirou o cantor Adoniran Barbosa a falar sobre o trem das Onze, outro nome dado ao Tramway da Cantareira que surgiu por volta de 1870, influenciou na modernização dessa área onde originalmente se chamava Uroguapira por acharem que havia ouro no local, mas como não havia o nome passou a ser apenas Guapira. O site da Prefeitura de São Paulo refere que foram os indígenas que abreviaram esse último nome para essa região da Cantareira, porém em 1930 o bairro foi oficialmente chamado de Jaçanã por conta de uma ave comum na região.

Assim como os outros bairros da zona norte, Jaçanã também foi uma fazenda, no qual os irmãos italianos Manoel e Henrique Mazzei desmembraram e lotearam essas terras, na qual a região deixou de ser uma grande fazenda e se tornou uma região de pequenas chácaras com a criação de alguns animais, hortaliças e havia a construção de casas no entorno, bem como a construção de comércios, igrejas, escolas e postos médicos. A indústria Aramina, que retirava argila e fabricava tijolos, localizava-se nesse bairro. No site "Diário Zona Norte" tem disponível a foto abaixo do Jaçanã após o desmembramento da fazenda, mostrando a construção de estradas e um povoamento maior:

Figura 1: Fotografia da área loteada.



Fonte: Diário Zona Norte, 2022.

Guapira, além de ser a corruptela do nome Uroguapira, também era o nome de um pequeno rio que desaguava no Rio Cabuçú, na divisa entre São Paulo e Guarulhos e, também, identificava toda a região que hoje conhecemos como Jaçanã.

Desde os primórdios de São Paulo de Piratininga, o Guapira era trilhado pelos bandeirantes e sertanistas que seguiam rumo ao Cabuçú na antiga Freguesia da Conceição dos Guarulhos e daí, para Mairiporã, Atibaia e Minas Gerais. A trilha ou estrada por eles utilizada era, desde aquela época, chamada de Estrada do Guapira. Na língua Tupi, Guapira significa “começo do vale” ou “as cabeceiras, as nascentes”, geralmente de um rio.” (DIÁRIO ZONA NORTE, 2022).

Figura 2: Fotografia da área com a abertura da estrada.



Fonte: Diário Zona Norte, 2022.

O mapa oficial da cidade de 1927 informava os limites da Estrada do Guapira: “começava na Estrada da Cantareira e terminava na Estrada de Vila Galvão”. E como “estrada” ela permaneceu até 1961 quando, então, o Decreto nº 5.237 de 08/11/1961, atribuiu-lhe a condição de Avenida. (DIÁRIO ZONA NORTE, 2022).

Nesse trecho do jornal Diário Zona Norte, nota-se a conexão que já havia desde os primórdios de São Paulo de Piratininga com a cidade de Guarulhos pelas trilhas que os bandeirantes e sertanistas utilizavam, que já no século XX essa conexão de cidades era feito pelo Tramway da Cantareira e pelas estradas abertas, na qual chegava-se na Estrada Vila Galvão, e após isso tornou-se avenida, como refere a citação acima. Então nesse trecho percebe-se a influência que os Bandeirantes e imigrantes tiveram nessa parte da zona norte, bem como os indígenas também tiveram, com os nomes dados as estradas e avenidas, porém nos arquivos históricos da prefeitura pouco se fala sobre a presença indígena nessa região. Nessa última imagem (figura 2) percebe-se como eram os grandes terrenos sem ter o povoamento que veio a ter depois.

Michel Ouchana foi um imigrante que veio morar no Brasil em 1924 e radicou-se no bairro do Jaçanã (porém não há registro encontrados sobre seu país de origem) e junto a seus irmãos formaram a indústria têxtil Irmãos Ouchana, que empregou cerca de 500 pessoas, e foi responsável por “calçar” diversas ruas do bairro pois naquela época a prefeitura não realizava esse serviço de infraestrutura, fator

importante de se notar pois a prefeitura não investia nessa obra importante para o bairro. Em 1904 foi construído um leprosário da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo próximo ao Sítio Guapira, em uma fazenda de 160 alqueires, que em 1932 se tornou um hospital chamado São Luiz Gonzaga e com a construção de diversas alas médicas. Em 1968 já era considerado um hospital geral, importante não só para a região do Jaçanã, mas também para as demais regiões como a do Tremembé e até municípios próximos como Guarulhos e Mairiporã.

Já o Tremembé, atual distrito administrativo da zona norte que também leva o nome de um bairro nessa região, surgiu 20 anos depois do Jaçanã, em 10 de novembro de 1890, e o seu nome tem origem Tupi, que significa "alagadiço". Também era uma fazenda, na qual pertencia ao casal Maria Amália Lopes de Azevedo e Vicente de Azevedo que dividiram essa área em glebas e chácaras, e anos depois seus filhos instituíram a Cia Vila Albertina de Terrenos para poder lotear essas terras de forma que se enquadrasssem nos moldes urbanos. O jornal Gazeta de São Paulo fala sobre a origem do bairro e também sobre a questão dos imigrantes em sua formação, além da influência da Tramway para seu desenvolvimento e locomoção dos moradores para as outras regiões de São Paulo:

Cercado pela região da Cantareira, com vegetação pé de serra e clima ameno, a região acabou atraindo muitos imigrantes, sobretudo europeus, vindos de Portugal, Itália, Alemanha e de países Eslavos, como Rússia, Ucrânia, entre outros (...) Além do loteamento, o desenvolvimento da região está bastante ligado ao Tramway da Cantareira, uma linha de trem, surgida em 1894, ligando o bairro do Pari e a Cantareira, para trazer água do reservatório da Cantareira até a cidade de São Paulo. A estação Tremembé era a penúltima do trajeto e, por muitos anos, ela foi a principal ligação do bairro com o restante da cidade. Fonte: (GAZETA DE SÃO PAULO, 2021).

Já no jornal Diário Zona Norte há uma lista extensa, que vai desde o final do século XIX até o início do século XXI com informes sobre eventos importantes que ocorreram no Tremembé para seu desenvolvimento enquanto bairro e distrito administrativo, onde mostra inaugurações de escolas, trem, linhas de ônibus e também a chegada da energia elétrica no bairro, em 1923, entre outros, como é apontado no quadro a seguir:

Tabela 1: Eventos importantes para a ocupação e consolidação do Tremembé.

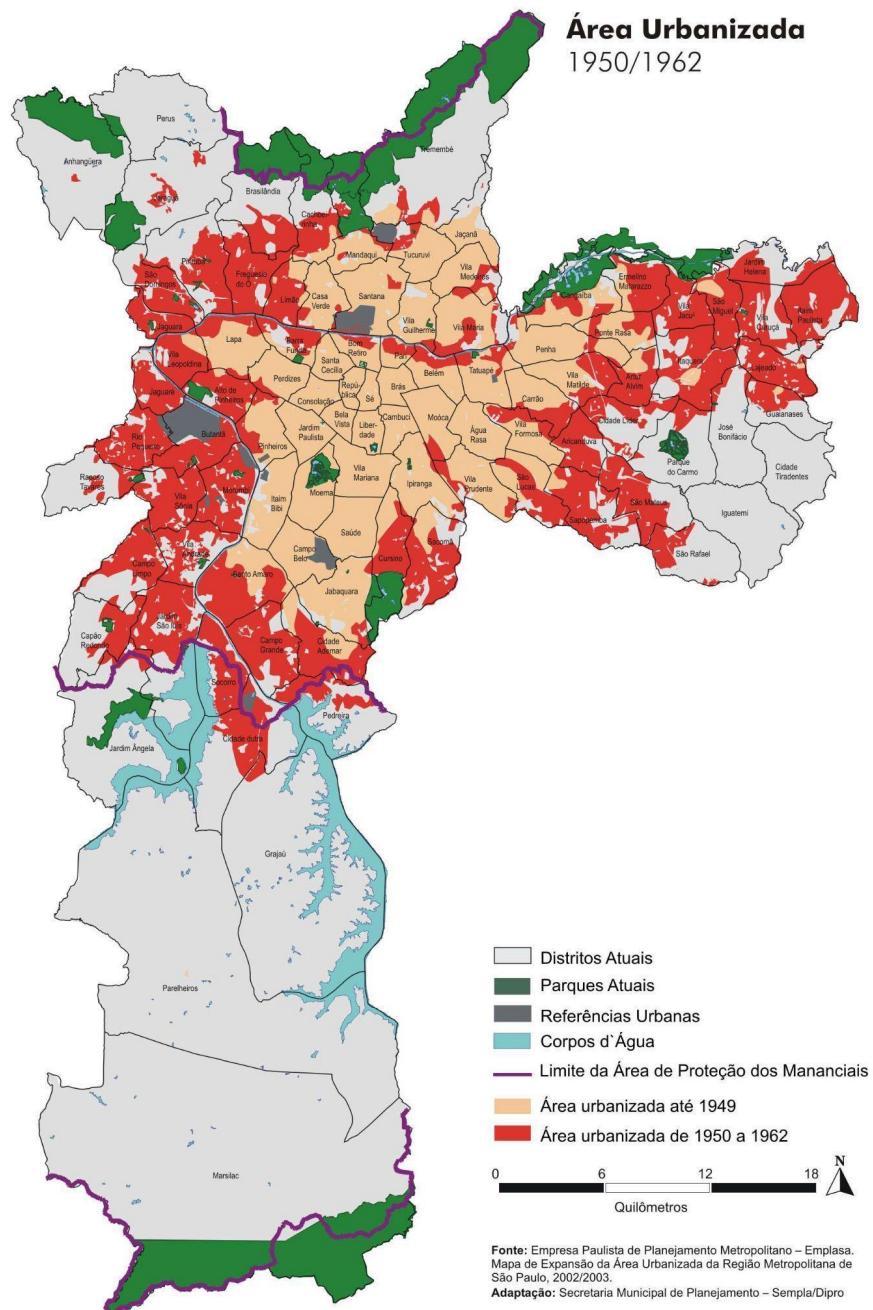
ANO	EVENTO
1890	Surgimento do Tremembé, com criação dos primeiros lotes urbanos
1894	Inauguração do Tramway da Cantareira
1910	Criação da primeira escola
1923	Chegada da luz elétrica ao distrito
1926	Início do serviço de ônibus de Ewald Kruse
1945	A Cia. Sorocabana compra o Tramway da Cantareira
1960	Surge o loteamento Palmas do Tremembé
1964	Viação Nações Unidas abre linhas 77 Tremembé, 161 H. Florestal e a da V. Albertina.
1967	Encerramento do ramal Cantareira do Tramway
1998	Publicação do Decreto Municipal da data oficial do Tremembé
2003	A Adm. Regional Jaçanã-Tremembé é transformada em Subprefeitura JT.

Fonte: Organizada pela autora, 2022. Dados do jornal Diário Zona Norte, 2022.

Nessa lista mostra o desenvolvimento que se teve nesse distrito em meados do século XX, com a criação dos primeiros lotes urbanos que deu origem a uma ocupação mais ampla desse território, a chegada do trem e do serviço de ônibus que possibilitou a locomoção da população (apesar de que depois, em 1967, há o encerramento do ramal da Cantareira do Tramway) e outros fatores de infraestrutura como a presença de uma Subprefeitura que atenda à região. O loteamento Palmas do Tremembé que surge em 1960 é um fator que mostra a expansão que estava ocorrendo na região.

Então, é interessante notar toda a trajetória desses distritos em sua formação, onde muitos estavam inseridos no sistema de posse de terras, ou seja, eram grandes fazendas pertencentes a poucas pessoas/famílias e que deixaram de ser fazenda através do loteamento e vendas desses lotes, ou chácaras e glebas, e assim essas áreas foram tomando novos rumos, junto ao processo de industrialização, imigração e dispersão da população pobre e trabalhadora do centro de São Paulo, tudo isso segundo uma dinâmica dialética, com imbricamentos de diferentes processos que ocorreram conjuntamente, tendo em vista iniciativas do governo, elites e também da própria população transformando o espaço e essa área que era antes rural em uma área urbana. Os mapas a seguir mostram a expansão da área urbanizada do município de São Paulo desde a década de 1950 até 1985:

Mapa 2: Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1950/1962.

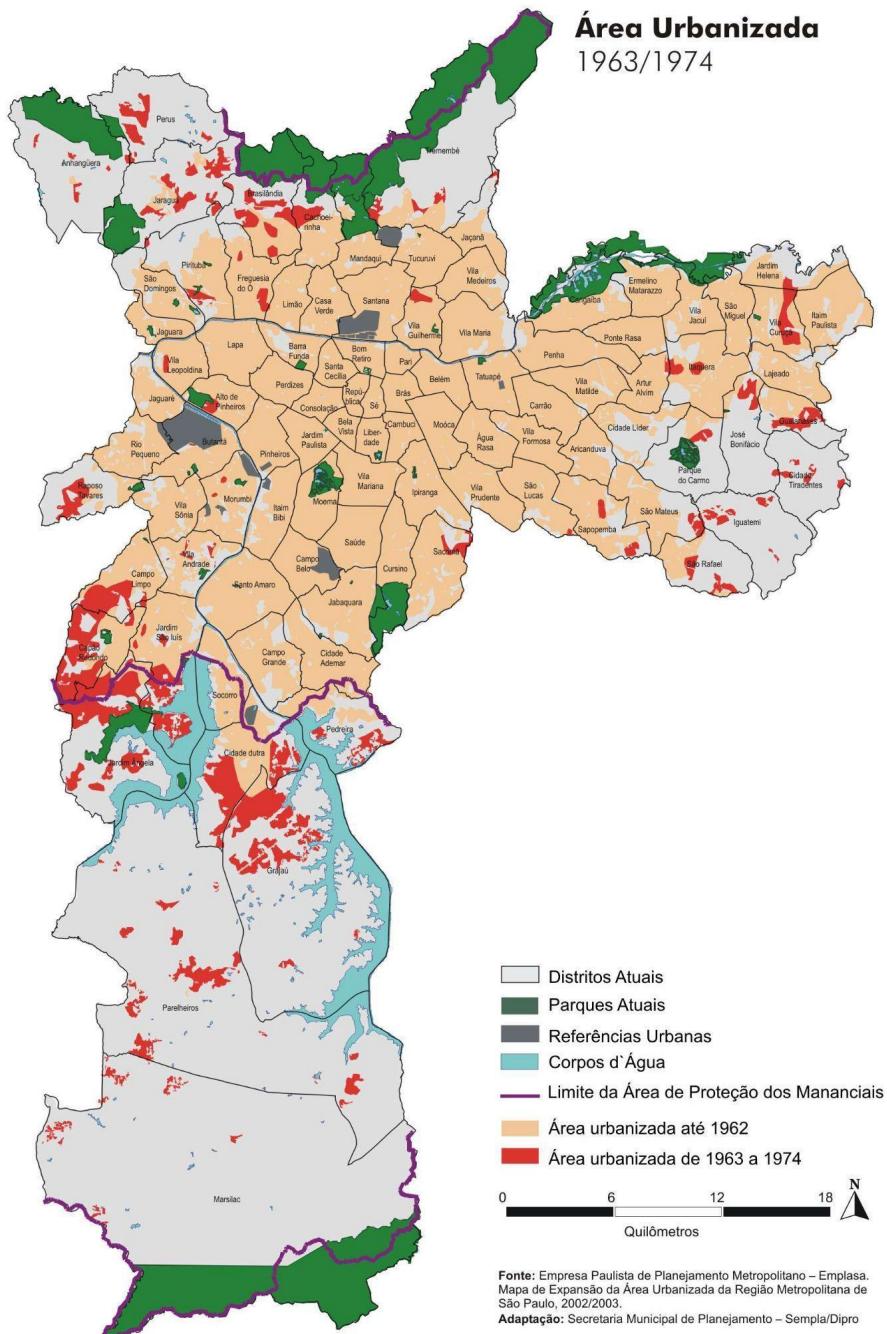


(1) Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1171 e 1152, 2003.

A área urbanizada até 1949 era majoritariamente a região central do município de São Paulo, com apenas alguns distritos das demais zonas urbanizadas. Entre 1950 a 1962 houve uma maior expansão da área urbanizada para a zona oeste e leste. Já na Zona Norte 2 (zona norte da parte noroeste) neste mesmo período começa a

ter uma maior expansão, enquanto a Zona Norte 1 já tinha grande parte de sua área urbanizada no período até 1949.

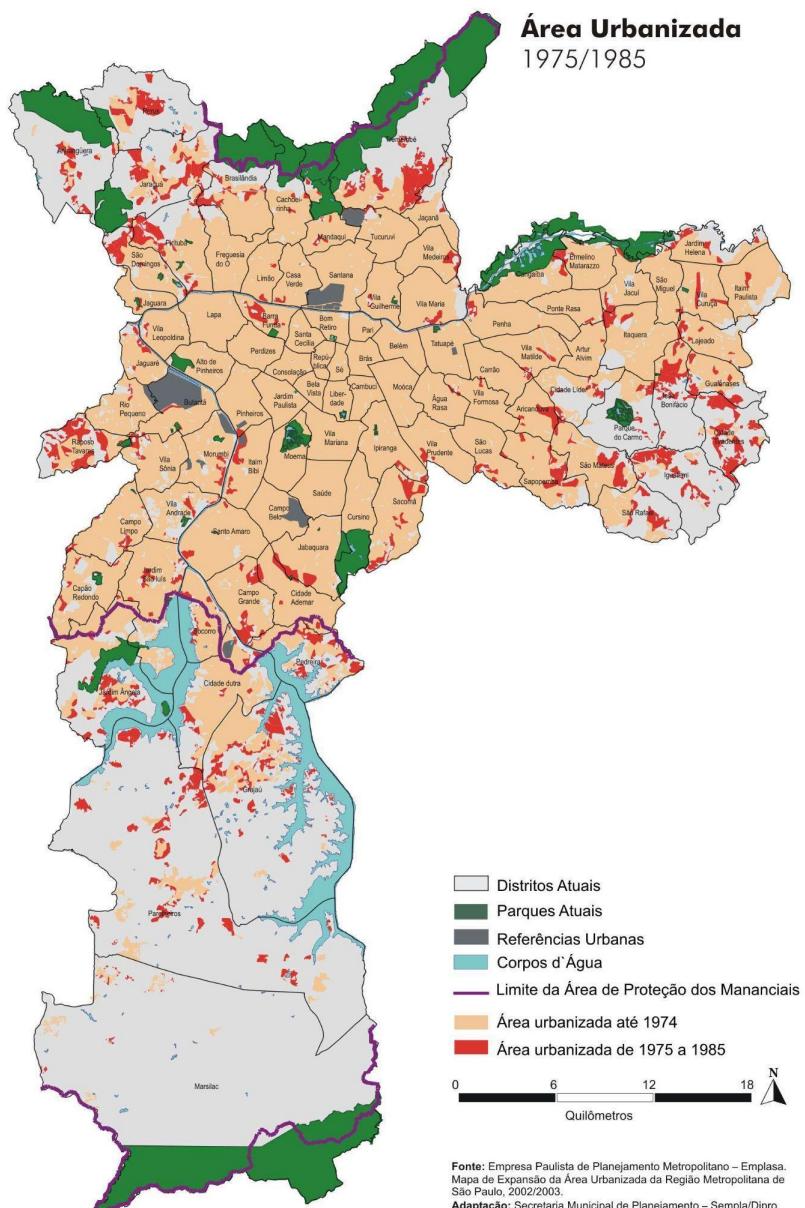
Mapa 3: Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1963/1974.



(1) Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1171 e 1152, 2003.

Diferente do primeiro mapa que mostra as áreas urbanizadas até 1962, o mapa 3 já mostra o resultado daquela expansão que atingiu diversos distritos de todas as zonas, com áreas mais urbanizadas. Demonstrado no mapa na cor vermelha, ainda há áreas que estavam sendo urbanizadas na zona norte, leste, oeste e principalmente na zona sul.

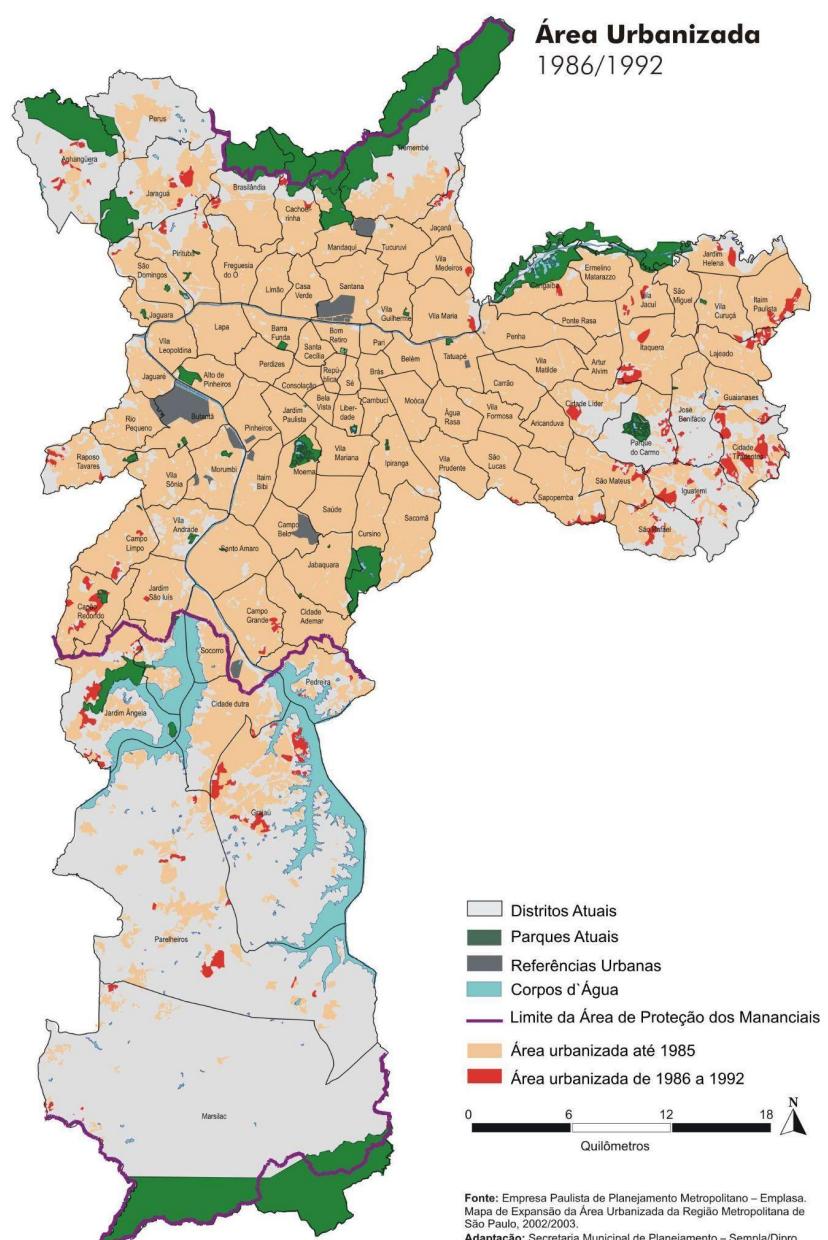
Mapa 4: Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1975/1985.



(1) Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1171 e 1152, 2003.

No mapa 4 o processo de urbanização está bastante espalhado pelo município nos anos de 1975 a 1985, como mostra as áreas em vermelho, que são áreas mais dispersas, diferente do primeiro mapa dos anos de 1950 até 1962 que em um curto período houve uma expansão mais conjunta. Na zona norte, o distrito do Tremembé segue sendo urbanizado durante os anos de 1975 a 1985 nas áreas vermelhas do mapa.

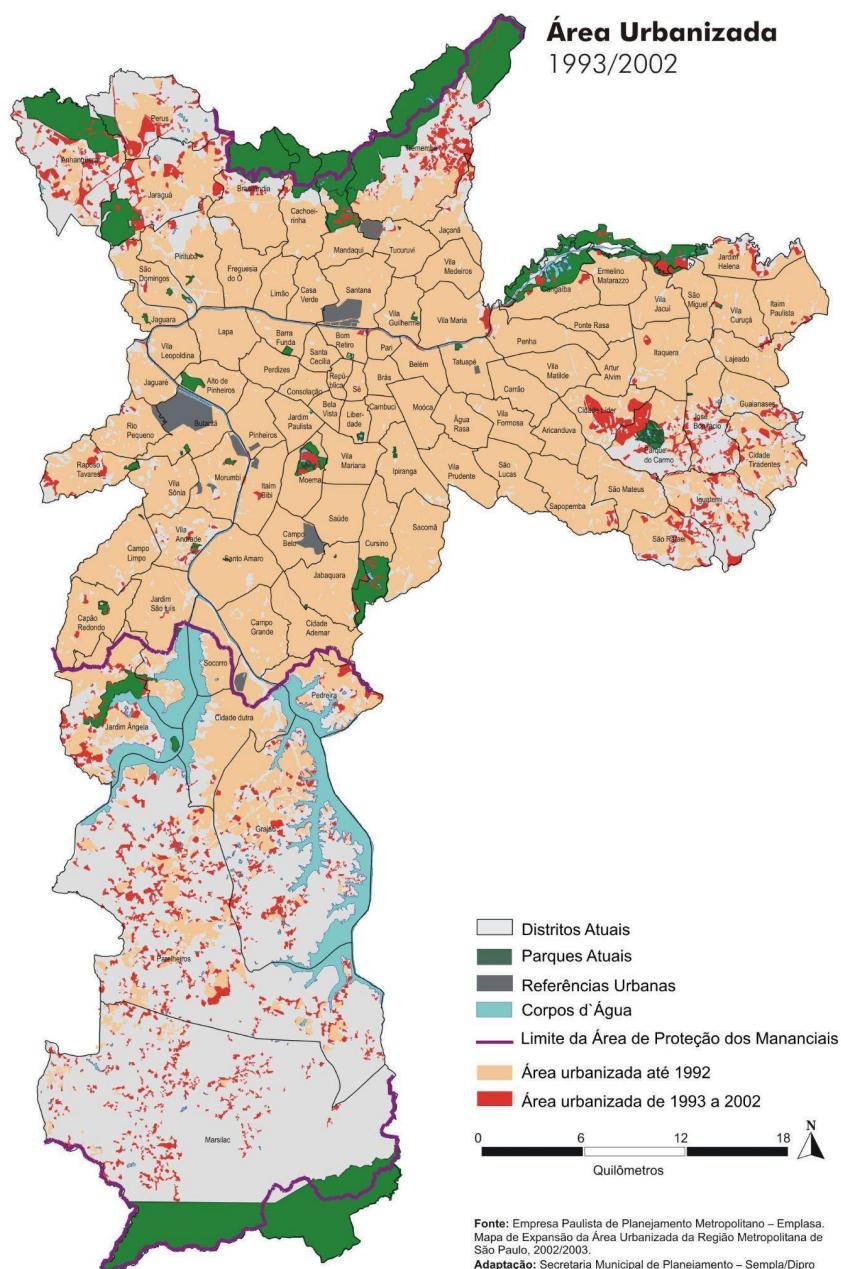
Mapa 5: Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1986/1992.



(1) Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1171 e 1152, 2003.

No final da década de 1980 até o início da década de 1990 encontra-se poucas áreas em processo de urbanização apontadas em vermelho, existindo alguns pequenos pontos espalhados nas áreas periféricas do município. Na Zona Norte 2 (parte nordeste) há algumas pequenas áreas em vermelho como nos distritos da Casa Verde, Tremembé, Jaçanã, Vila Medeiros e Vila Maria.

Mapa 6: Mapa sobre a expansão da área urbanizada do município de São Paulo em 1993/2002.



(1) Fonte: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico - IGC. Acervo - Tombo: 1171 e 1152, 2003.

Em comparação ao mapa anterior, os anos de 1993 a 2002 tiveram um aumento significativo em relação à novas ocupações de áreas que até então não eram consideradas urbanizadas. Na zona sul, os distritos mais distantes do centro da cidade estavam se expandindo, como em Parelheiros, Grajaú e Marsilac e isso ocorreu em todas as áreas periféricas do município de forma mais intensa nessa década do que a do mapa anterior, que mostra referente aos anos de 1986 a 1992. Já na zona norte, o distrito do Tremembé e Jaçanã segue sendo bastante ocupado, bem como os demais distritos do lado noroeste, sendo evidenciado pela área urbanizada em vermelho no mapa.

As áreas urbanizadas não significam que contenham todos os equipamentos de infraestruturas necessárias para uma boa qualidade de vida urbana para a população. Podem ser áreas que são consideradas urbanas mas com falta de infraestruturas de qualidade como saneamento básico, asfalto, luz elétrica, etc, contendo de modo improvisado alguns desses equipamentos, sendo então áreas mais precárias.

1.3 A FORMAÇÃO DAS PERIFERIAS NA ZONA NORTE

A periferia em seu sentido geométrico se refere sobre o que está ao redor, distante do centro. Enquanto conceito geográfico, entende-se aqui por periferia o seu conteúdo social, tendo em vista que esse conceito ajuda a compreender a formação das cidades, pois além de serem espaços físicos em termos de localização, também são espaços subjetivos com um conteúdo social que deve ser levado em consideração.

Para entender a formação das periferias, é importante entender a formação dos subúrbios, razão pela qual esse assunto foi abordado anteriormente, onde as periferias formou-se no período pós segunda guerra mundial com a expansão do centro urbano em São Paulo e as dinâmicas da industrialização, ganhando novos contornos com a chegada das multinacionais, a formação dos circuitos da economia urbana e, principalmente, com as autoconstruções feitas pelos moradores que, frequentemente, eram trabalhadores pobres vivendo essa nova dinâmica urbana espoliativa, ocupando o que era então a área suburbana, (KOWARICK, 1979, p.

55-74) onde esses moradores mantinham uma característica rural em seus pequenos núcleos, sendo pessoas que haviam passado pelo processo de expulsão do centro da cidade, como dito anteriormente e induzidos a morar nesses subúrbios como uma opção de moradia mais barata, mas que com a mudança do conteúdo social passou a ter o processo de periferização.

As questões políticas e econômicas são fatores importantes para entender esse processo, pois influenciam diretamente na forma em que o espaço irá se constituir. Os autores Nabil Bonduki e Raquel Rolnik desenvolveram um estudo sobre a periferia da Grande São Paulo no final dos anos de 1970, onde estudaram a área da região de Osasco, porém seu trabalho serve para compreender esse processo na cidade de São Paulo em si, sendo desenvolvido no livro “Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho” onde os autores explicam que uma das influências para essa dinâmica foi a presença do proprietário de terras, onde este último tem em sua posse uma grande extensão de terras e faz o loteamento para que assim pudesse vender para as pessoas que iriam morar nesses terrenos, em forma de longas parcelas, mas que fosse compatível com o salário recebido por essas pessoas, ou seja, a população trabalhadora (ROLNIK, BONDUKI, 1979).

Neste caso o proprietário pode conceder as terras a outra pessoa, que seria o loteador, na qual este último iria realizar o acesso ao lote com a construção de ruas, vias, etc, ou o proprietário simplesmente pode ser o loteador também, isso irá depender do caso, do lugar, pois nem todos os lugares tem exatamente o mesmo processo, apesar de terem suas semelhanças, porém esse processo era mais comum até meados dos anos 60. Nabil Bonduki e Raquel Rolnik afirmam que essas duas figuras se confundiam muito. A localização dos lotes era um fator que fazia com que os preços tivessem uma variação, onde os lotes mais recentes em um lugar sem infraestrutura eram de valores mais baixos e os lotes mais antigos onde a infraestrutura já tinha se instalado, mesmo que de forma mediana, teria um valor um pouco maior. O Estado realizava o papel de trazer infraestrutura para esses locais, porém de forma desigual, que gerava problemas para a população trabalhadora, pobre que, além de não se ter uma infraestrutura decente, a população pobre ainda tinha a vida cotidiana totalmente afetada pela falta do Estado em proporcionar transporte de qualidade para que o mesmo pudesse se deslocar pela cidade, além

de outros fatores, onde a prioridade do Estado em realizar um serviço de infraestrutura frequentemente era nas áreas onde localizava-se a população de maior renda.

Além de áreas que tiveram suas ocupações com os loteamentos no processo descritos por Bonduki e Rolnik, há também a forma de conseguir uma moradia através da ocupação de uma área, na qual são feitas casas de barracos ou até mesmo de alvenaria, em áreas que estão sem ocupação e uso do solo, podendo ser áreas privadas ou não. As autoconstruções foram um dos fatores que fez com que se possibilitasse essa expansão de moradias na periferia, onde após o Estado e as elites de São Paulo realizarem seu projeto de expulsar os moradores pobres do centro da cidade, os mesmos foram cada vez mais indo para os subúrbios, até que se expandiram para as periferias onde a autoconstrução consolidou esse padrão, pois os próprios moradores construíam suas casas, de alvenaria ou de barracos. No livro “Cidadanias Insurgentes” de James Holston, no capítulo chamado “Segregando a Cidade”, ele destaca uma informação importante:

Portanto, quando as grandes migrações para São Paulo começaram, nos anos 1950, trazendo milhares de pessoas do Nordeste e de outras regiões nos trinta anos seguintes, os novos trabalhadores pobres da cidade não tiveram escolha a não ser morar nas periferias. (HOLSTON, 2008, p.219).

Então é importante notar que essa população que foi morar nas periferias eram majoritariamente migrantes, vindos do nordeste mas também havia muitos vindo de outros estados e regiões do Brasil, onde essa questão migratória influenciou muito no processo da expansão da cidade e demonstra também como o Estado e o poder público, as elites, a cidade em geral, tratavam esses migrantes, pois enquanto eles, em sua maioria, tiveram que ir morar em áreas periféricas que não tinham a infraestrutura urbana necessária, os imigrantes europeus, em sua maioria, já moravam em áreas centrais da cidade, áreas com a urbanização consolidada. Nesse mesmo capítulo, Holston refere que as construções de estradas, avenidas, ruas e ferrovias, promoveram essa expansão, para que os mesmos tivessem acesso ao centro da cidade onde os empregos se localizavam e as autoconstruções não eram financiadas:

A autoconstrução de casas separadas, sem financiamento bancário ou governamental, era o meio principal de assentar as periferias, enquanto a construção financiada por empresas licenciadas caracterizou o crescimento no centro; o desenvolvimento das periferias aconteceu principalmente por operações de mercado privadas, com pouca regulamentação estatal ou aplicação de políticas públicas; a propriedade da terra e da casa era a norma para moradores, tanto no centro como nas periferias; e as classes mais baixas nas periferias foram segregadas das classes mais altas no centro não só por grandes distâncias como também por qualquer indicador-padrão de bem-estar a não ser a casa própria. (HOLSTON, 2008, p.220)

Então isso gerou moradias sem regulamentação, pois o poder público não estava presente para regulamentar, então gerava moradias sem escrituras, apenas a ocupação do morador naquela área. Então, as características da periferia eram essas, moradias sem regulamentação, de alvenaria ou barracos, na qual conforme iam chegando mais moradores ajudavam a constituir mais ruas ao novo bairro, onde o poder público pouco participava no processo de urbanização, sendo os próprios moradores a construir, procurar formas de obter acesso a água, energia, até que o governo fosse até esses locais fornecer o básico. As favelas na periferia de São Paulo tiveram muitas dificuldades para se estabelecerem com o básico, sendo que sua população eram privadas de terem um cotidiano menos caótico, por conta das longas distâncias percorridas no dia a dia para ir trabalhar no centro da cidade, e também de espaços de lazer, saúde e infraestrutura em geral que se tinha em grande acesso no centro.

CAPÍTULO 2: LUTAS SOCIAIS E PROBLEMAS URBANOS NA PERIFERIA.

As lutas sociais marcam e marcaram a periferia de São Paulo, em diversos locais de favelas e cortiços, que se encontram também no centro da cidade e neste capítulo será analisado como ocorreu esse processo e seu desenvolvimento. O livro "Quando novos personagens entram em cena" de Éder Sader (1988), trata essa questão de forma minuciosa, contando histórias de pessoas que participaram das lutas sociais por melhorias na vida cotidiana na cidade para quem se encontra em situação de vulnerabilidade, falta de infraestruturas como saneamento básico, energia elétrica, Unidades Básicas de Saúde, hospitais, escolas, pavimentação das ruas, acesso à moradia, entre outras questões. Este livro é importante para entendermos como os movimentos sociais influenciaram na produção do espaço e em suas dinâmicas, mesmo que seja abordado os movimentos da zona sul e zona leste, mas a forma que Éder Sader explica esses fenômenos nos ajuda a entender como isso ocorreu na zona norte, tendo em vista os exemplos citados no livro.

Os movimentos sociais, principalmente durante os anos de 1970, tinham características de fragmentação, ou seja, foram movimentos que emergiram de forma separadas, sem ter uma unanimidade entre os movimentos ou uma associação que os vinculasse uns aos outros. Eram movimentos independentes, que surgiram em vários lugares diferentes por iniciativa de pequenos grupos a partir de uma realidade com problemas sociais a serem resolvidos, com várias formas de expressar esse descontentamento e de se organizar para combater tal realidade, como refere Éder Sader em seu livro:

O que talvez seja um elemento significativo, que diferencia os movimentos sociais da década de 70, é que eles não apenas emergiram fragmentados, mas ainda se reproduziam enquanto formas singulares de expressão. Ou seja, embora tenham inclusive desenvolvido mecanismos de coordenação, articulação, unidade, eles se mantiveram como formas autônomas de expressão de diferentes coletividades, não redutíveis a alguma forma "superior" ou "sintetizadora". (SADER, 1988, p.198)

Os exemplos utilizados neste livro são sobre movimentos que ocorreram durante a década de 70 que tiveram grande importância para a transformação da cidade de São Paulo, como por exemplo o Clube de Mães da periferia da zona sul, que surgiu

na igreja da Vila Remo de forma mais concreta e como um marco sobre a organização popular para lutas sociais naquela região.

Antes dos anos 70, havia atividades na igreja ou em entidades benevolentes que realizavam reuniões com grupos de mulheres para trabalhos sociais, onde mulheres de classe social mais alta iam ensinar as mais pobres a fazer trabalhos manuais como bordar, costurar, dicas de saúde, culinária, etc. Com a consolidação do grupo na igreja da Vila Remo sob a direção do padre Egídio, esse grupo que se constituía da forma citada anteriormente, permaneceu assim até 1972, quando houve uma mudança na forma de como o grupo era conduzido. O padre, vendo que as mulheres de classe alta iam até o clube ensinar sobre o que sabiam e simplesmente iam embora, sem de fato se envolver com as outras mulheres ao qual ajudavam com o trabalho voluntário, resolveu dispensá-las dessa atividade, afirmando para as outras que elas mesmas poderiam se organizar e realizar o Clube de Mães por si mesmas, sem a necessidade de terceiros estarem "liderando", baseados nas ideias de Paulo Freire, mas delas mesmas terem sua própria autonomia.

Então o grupo estava com uma nova característica, com reuniões onde conversavam sobre a vida cotidiana em seus lares, falando de suas angústias por terem que ficar apenas em casa para cuidar dos filhos e da casa sem poder fazer outra coisa, se dedicando à seus maridos, tendo apenas uma vida privada dentro de seus lares enquanto algumas delas percebiam que seus maridos tinham uma vida lá fora e elas não, sendo dependentes deles, ou então sobre a dupla jornada que carregavam, com os cuidados com a família e trabalhando, mas sem tempo para viver outra coisa fora da rotina. Essas motivações levaram o Clube de Mães a terem frequentadoras onde viam ali um espaço para se ter um lazer, construir relações externas com outras pessoas e ter outra atividade para fazer, além de cursos como o de costura, creche, que ajudavam elas aprenderem algo de ordem instrumental, e assim se fazia uma reflexão que envolvia vários fatores nas reuniões:

Na segunda parte havia uma reflexão coletiva, que em geral partia da leitura de um trecho do Evangelho, que seria confrontado com a realidade vivida de cada uma delas. Essa experiência de uma "releitura" das próprias condições de vida à luz de um texto bíblico, onde viam a referência à justiça e aos valores mais profundos da existência, produzia uma atitude crítica de dimensões insuspeitadas. Nessa ótica, problemas que antes eram pensados como naturais e privados - a rotina doméstica, repetitiva e sem sentido; a obrigatoriedade de ficar em casa para cuidar dos filhos; a

dependência diante do marido passam a ser encarados como problemas sociais, que são compartidos por tantas outras e que podem ser alterados por novas práticas sociais. É da discussão de temas surgidos nesta parte das reuniões que se organizariam ações 'para fora', de reivindicações ante os poderes públicos (escola, creche, ponto de ônibus, posto de saúde etc.), além de atividades comunitárias para resolver problemas coletivos (mutirões para limpeza, para levantar centros comunitários, para cuidar de crianças etc.). (SADER, 1988, p.207)

Esse espaço disponibilizado para reuniões entre as mulheres foi muito importante para que possibilitasse a discussão e reflexão de diversos assuntos do cotidiano que culminaram em pautas sociais como a saúde, moradia e direitos que estavam em falta na periferia e assim conseguiram se organizar para lutar por essas melhorias em seus bairros.

Assim como Éder Sader utilizou como exemplo este movimento, algo semelhante ocorreu na zona norte com o movimento "Amigas de Jova Rural" que também se trata de um movimento de mulheres que se organizaram em prol de melhorias no bairro, realizando encontros e discussões periodicamente. Esse movimento ocorreu no bairro Jova Rural, localizado no distrito Jaçanã, pertencente à subprefeitura Jaçanã-Tremembé, onde as mulheres lutaram pelo direito à saúde, moradia, educação, entre outros, surgindo assim a Associação de Mulheres Amigas de Jova Rural, em 1994, através de discussões sobre a necessidade de melhorias na infraestrutura daquela região. Maria Elisa Santana foi a moradora que forneceu um espaço em sua casa para que pudesse haver reuniões com outras 10 mulheres para discutir as problemáticas que haviam naquele bairro, que surgiu nos anos 80 e em 1989 houve a entrega dos conjuntos habitacionais CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) que foi construído em uma determinada área desapropriada pelo estado para esta finalidade. O nome do bairro se deu por conta de ter características rurais como árvores frutíferas e pequenas pastagens que ainda existiam. Através desse movimento social foram conquistadas escolas, implementado uma Fábrica de Cultura naquela região e um CIC (Centro de Integração à Cidadania e a Fábrica de Cultura do Jaçanã). Essa mesma associação de mulheres lutou para que fosse instalado no bairro uma UBS, que desde o ano de 2002 o projeto estava sendo discutido na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, porém apenas em 2019 que foi inaugurada, atendendo uma população com cerca de 24 mil pessoas. Essa importante associação de mulheres relatou no jornal online Nós Mulheres da Periferia seus objetivos na luta social:

Como missão, a entidade quer investir na formação de futuras gerações promovendo a educação, a cultura e a assistência à mulher, à criança, ao adolescente e à família; garantindo o exercício de sua cidadania e propiciando o desenvolvimento comunitário. Atualmente é uma entidade civil e organizada, sem fins lucrativos, desenvolvendo projetos sociais com atividades sócio assistenciais, psicossociais e educativas, para uma população de baixa renda e em situação de vulnerabilidade e risco, oferecendo ferramentas para que a comunidade alcance o pleno rigor de sua cidadania e desenvolvimento social.

(NÓS MULHERES DA PERIFERIA, 2015, s.p.)

Por mais que esse movimento não surgiu através de encontros na igreja como ocorreu na zona sul, as Amigas de Jova Rural tem muitas semelhanças em relação ao movimento citado anteriormente pois ambos são de mulheres que moravam em bairros periféricos que tinham diversos problemas sociais que precisavam ser resolvidos mas que estavam sendo negligenciados pelo Estado, então elas mesmas se organizaram para levar essas melhorias aos seus bairros.

Outro exemplo que Éder Sader nos oferece é sobre o movimento de saúde da periferia leste que teve grande importância para levar o acesso à saúde para essa região que começou a ter uma força maior em 1972 quando um grupo de mulheres discutiam sobre os problemas de saúde que elas e suas famílias passavam, as dificuldades para conseguir ir até um hospital e que deveria ter centros de saúde e hospitais mais próximos da região em que moravam. Então, com as reuniões na igreja formaram uma comissão para levar suas queixas na Secretaria de Saúde e reivindicar esse direito para o bairro. Além disso, médicos, enfermeiros e estudantes de medicina que estavam vinculados à atividades da igreja organizaram um trabalho de apoio à saúde para aquela população, onde visitavam favelas e deram cursos sobre saúde e discussões acerca da falta desses serviços na comunidade, que deveria ser promovido pelo Estado.

Através de muita luta das moradoras indo até a secretaria de saúde, e várias outras instituições para reivindicar esse direito, passando pela burocracia existente e insistindo mesmo que inicialmente tivessem respostas negativas, elas obtiveram êxito em suas queixas. Em depoimento, uma das mulheres que estavam na luta refere:

"Fomos pra todo canto pegar assinaturas: na porta da igreja, nas casas, nas feiras, nos supermercados (...) Quando nós estávamos com 2.000 a 2.500 assinaturas, telefonamos de novo pro dr. Jackson e falamos: dr. Jackson, o senhor falhou. O senhor prometeu a inauguração pra tal data e o senhor não fez. O povo está revoltadíssimo aqui no bairro, nós já temos 2.500 assinaturas e vamos alugar um ônibus e vamos até a Secretaria da Saúde". (SADER, 1988, p.271).

Após essa atitude, veio um comunicado com uma nova data para a inauguração do centro de saúde, com a abertura em março de 1978. A comissão de saúde colocou uma placa além da que o próprio governo havia colocado na inauguração, deixando registrado que aquele centro de saúde era uma conquista da população através de sua luta por esse direito.

A forma de lutar que o movimento de saúde da periferia da zona leste utilizou para conquistar um centro de saúde tem semelhanças com a forma que ocorreu na zona norte, no bairro Lauzane Paulista, que também se utilizou de abaixo assinados e idas insistentes à órgãos públicos para fazerem suas reivindicações, que neste caso a luta era pela moradia, tendo uma solicitação diferente, mas com formas parecidas de lutar. A matéria do jornal Agência Mural conta como isso decorreu, onde se entrelaça com a história da moradora Marieuda e como a luta por moradia fez com que se instalasse o conjunto habitacional Cingapura, no Lauzane Paulista, localizado no distrito do Mandaqui. Moradora do bairro há anos, Marieuda conta como que chegou até este bairro:

Depois de perder o marido e um filho de sete anos, em Várzea Nova, na Bahia, Marieuda, que já havia morado na zona leste de São Paulo, voltou para capital e passou a morar em uma vaga de pensão em Santa Cecília. Não estava satisfeita e conheceu a região no Ipiranga por intermédio de um cunhado, em 1981. 'Aqui era uma favela e eu caí aqui de paraquedas. Quando cheguei aqui pedi ajuda a Deus para trabalhar por mim e pelo povo, passei a acompanhar duas moradoras nas lutas por nossa morada', conta. Ela lembra quando assistentes sociais vieram para retirar a população dali, sem proposta de realocação e as enfrentou. 'Bati o pé. Ficamos aqui batalhando, íamos em todas as reuniões e se era para ir para Brasília, eu ia. Aqui, queriam construir uma área verde. Na verdade, tinham rixa com o pessoal da favela, queriam mesmo era tirar o povo daqui e eu os enfrentei.' (AGÊNCIA MURAL, 2016, s.p.).

Então a realização de reuniões e conversas com representantes de órgãos públicos para reivindicar suas causas são formas semelhantes que essas moradoras da zona leste, como no exemplo de Éder Sader, e da zona norte como mostra a matéria do

jornal Agência Mural, tem de reivindicar um direito que deveria já estar garantido para essa população.

Além da questão da luta social, é importante ressaltar também sobre a segregação socioespacial que havia e há no Lauzane Paulista, pois isso faz parte dos problemas urbanos que é um assunto tratado neste capítulo. Durante toda a matéria do jornal, é abordado o contraste existente neste bairro na própria paisagem com a desigualdade socioespacial. Neste caso o bairro tem como uma das ruas principais a Avenida do Direitos Humanos que norteia a matéria, passando também pelo bairro Ibirapuera, e fala-se sobre as diferenças de classes sociais dos moradores dessa mesma região, pois ao mesmo tempo que existe o conjunto habitacional Cingapura e outras moradias populares, há também diversos condomínios fechados de classes mais elevadas. Conforme a moradora Marieuda relatou na entrevista, havia uma favela na região onde localiza-se atualmente o conjunto habitacional Cingapura, e que o projeto era de expulsar a população dessa favela daquela área, sem perspectiva de realocação. Ou seja, o projeto inicial não era de promover a urbanização e melhoria das condições de vida dessa população e sim a retirada dos mesmos por conta da população de classe alta não querer a presença deles naquela área, sendo então uma das formas de exclusão socioespacial, segregação, em que Flávio Villaça explica:

No caso particular das cidades brasileiras, é indispensável articular o papel da segregação urbana na produção da desigualdade e da dominação sociais. Isso porque a segregação (em geral, e em inúmeras de suas manifestações “oficiais”) é aquela forma de exclusão social e de dominação que tem uma dimensão espacial. (...) Há muitas décadas, a segregação residencial vem sendo objeto de investigação por muitos estudiosos. (...) Vamos aqui abordar essa ultrapassagem e analisar, também, a segregação dos empregos, do comércio e dos serviços. (VILLAÇA, 2011, p.41).

Isso que ocorreu no Lauzane Paulista é um exemplo da segregação produzindo a desigualdade onde há a diferença de vivências nesse espaço da zona norte e que a classe mais alta tinha por objetivo excluir essa população daquela região se impondo através da dominação social, porém, por outro lado, a classe social mais vulnerável teve o papel fundamental para se manter naquele espaço através da luta social que Marieuda contou acima, conseguindo através de pressão popular. Éder Sader ajuda-nos a compreender as especificidades dos movimentos sociais e como

eles podem também se mesclar, como os exemplos aqui citados sobre a zona sul e zona leste:

No correr das lutas e na história concreta dos movimentos sociais, as matrizes se mesclaram e se transformaram. Mas as ênfases foram diversas segundo as características específicas dos grupos sociais que as manipularam. (SADER, 1988, p.194).

Ou seja, por mais que haja diferenças nos movimentos sociais que ocorreram em cada região da cidade de São Paulo, ainda assim eles acabam por se mesclarem pelas semelhanças que também tem, tendo em vista que ambos os movimentos tiveram motivações parecidas quanto à falta de ação governamental para suprir as necessidades da população.

Ainda sobre a segregação como um problema urbano, outro exemplo também na zona norte está nos distritos da Vila Guilherme e Vila Medeiros, onde há diversos problemas de moradia e infraestrutura urbana para a população mais pobre que por falta de políticas públicas que atendam as necessidades, o número de favelas na região aumentou quatro vezes mais sendo que em 2010 tinha 94 favelas e em 2015 passou a ter 406. Além disso, o processo de verticalização se tornou mais intenso para dar espaços de moradia para mais pessoas, descrito na entrevista para o jornal Agência Mural:

De acordo com o Observatório Cidadão, o distrito da Vila Guilherme viu o seu número de favelas quadruplicar nos últimos cinco anos, passando de 94, em 2010, para 406, em 2015. As favelas do Jardim Coruja e Comunidade Sallus são as mais conhecidas da região e lá, residem cerca de 700 famílias(...)Este é caso de Izilda Amaral dos Santos, 72, moradora da Favela do Violão há mais de 30 anos. "Hoje minha casa abriga meus filhos, netos e dois bisnetos. Tive que aumentar os cômodos, e construir mais quartos", conta. Pertencente ao distrito da Vila Medeiros, a Favela do Violão juntamente com as comunidades do Cingapura, Casinhas, Murão, Guançã, Tenente e Fernão Dias abrigam aproximadamente 900 famílias, entre os bairros do Jardim Brasil, Vila Sabrina, Parque Novo Mundo, Parque Edu Chaves, Vila Medeiros. Para a moradora e líder comunitária do Jardim Brasil, Rosana Martins Vieira, 45, "estes problemas são acompanhados da ausência de infraestrutura e de serviços públicos na região, como a distribuição de água, rede de esgoto, energia elétrica, pavimentação, entre outros". (AGÊNCIA MURAL, 2016, s.p.).

No meio desse processo há a participação da líder comunitária Rosana e da Associação Reivindicativa e Assistencial da Vila Medeiros (Assoravim) para ajudar na luta por melhorias nesses locais, sendo que o presidente dessa associação, Edson Tadeu Marim, também é membro do Conselheiro Participativo Municipal da

Subprefeitura da Vila Maria e Vila Guilherme, fazendo a ponte com a política institucionalizada da subprefeitura. O distrito da Vila Guilherme e Vila Medeiros são um dos distritos da zona norte que mais ficam próximos da região central da cidade e a proporção estimada de domicílios de favelas e habitações irregulares na Vila Guilherme é de 2,1 e na Vila Medeiros é de 3,0 sendo que o percentual de menor valor se encontra no distrito Alto de Pinheiros com 0,0 e o de maior valor na Vila Andrade com 32,7 em relação ao município. Essas informações foram produzidas pela Rede Nossa São Paulo, podendo ser verificada na tabela abaixo, tendo como fonte destes dados o sistema de informações da SEHAB e SEAD:

Tabela 2: Proporção (%) estimada de domicílios em favelas em relação ao total de domicílio.

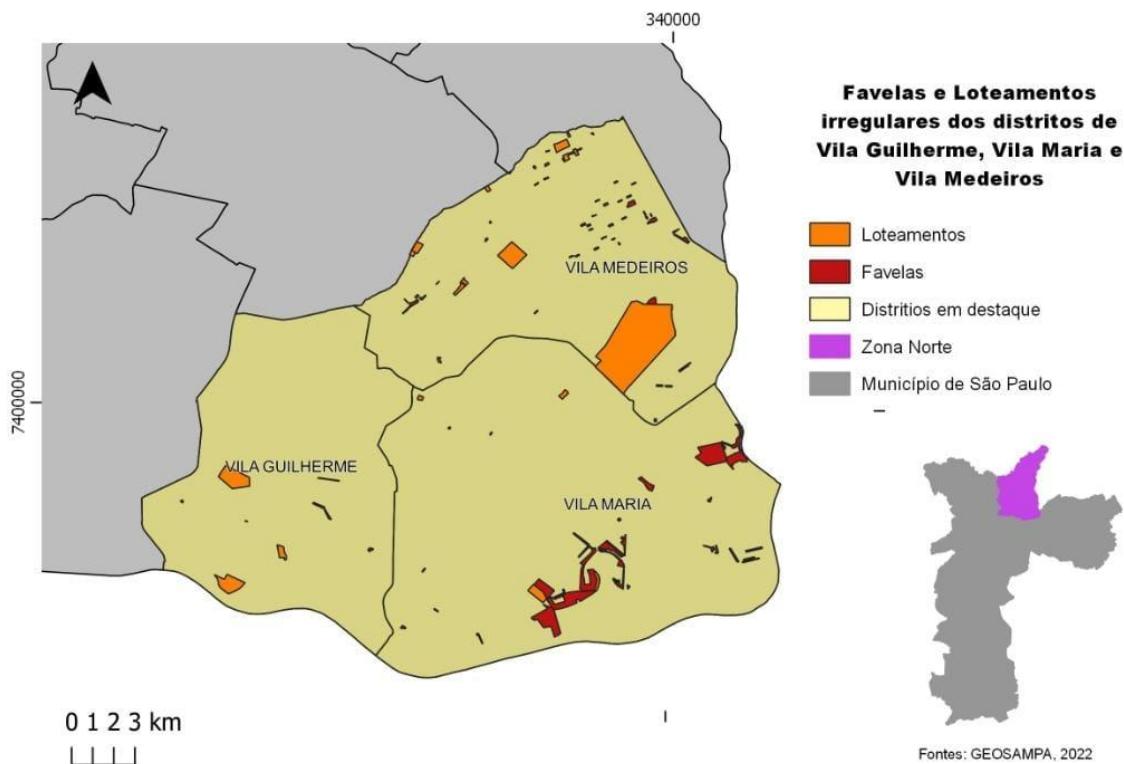
PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS EM FAPELAS EM DISTRITOS SELECIONADOS	
DISTRITOS	VALOR
Alto de Pinheiros	0,0%
Vila Guilherme	2,1%
Vila Medeiros	3,0%
Vila Andrade	32,7%

Fonte: Organizado pela autora, 2023. Dados coletados da Rede Nossa São Paulo, 2021.

Nesta tabela entende-se por favelas as moradias irregulares, aglomerados subnormais e em situação de vulnerabilidade. Ao observar os dados contidos nela, vê-se que a região da Vila Guilherme e Vila Medeiros tem um baixo índice dessas moradias ao contrário de outras regiões que os índices são muito altos, porém, mesmo que esse índice seja baixo houve um grande aumento em pouco tempo, como dito na matéria acima da Agência Mural, mesmo que esses distritos sejam caracterizados por uma baixa quantidade de favelas. Isso mostra a desigualdade existente nesta região, onde há moradias de classes mais altas, com melhores

condições de qualidade de vida, mas também outras pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade social como a população que mora nessas favelas. Um exemplo disso é a favela do Coruja, que é separada por um muro ao redor da mesma, próxima a uma área residencial de classe mais alta e com diversos comércios, como shopping, grandes redes de lojas, faculdades, etc. Essa favela tem como característica casas que são em grande parte feitas de barracos de madeira e algumas de alvenaria. Camila saraiva e Eduardo Marques (2011, p.125) fazem uma análise das favelas e periferias de São Paulo nos anos 2000 e este estudo evidencia os tipos diferentes existentes de favelas, levando em consideração fatores como a relação entre favela-entorno-distrito, assim classificada pelos autores, onde isso tem haver com a microssegregação que ocorre nesses lugares, onde não há homogeneidade. O mapa abaixo mostra a distribuição dos loteamentos irregulares, sendo representados na legenda pela cor laranja e das favelas sendo representados na legenda na cor vermelha, tendo como a base desses dados o GEOSAMPA, segundo seus conceitos de classificação:

Mapa 7: Mapa sobre a segregação das favelas nos distritos de Vila Guilherme, Vila Maria e Vila Medeiros.



Autores: Vinicius Deocleciano, Letícia Rocha e equipe Labcart, 2023.

Por mais que o distrito da Vila Guilherme tenha índices baixos da presença de favelas como citado anteriormente, índices altos em relação à média salarial constatado pelos dados da Rede Nossa São Paulo onde encontra-se ocupando a 25º posição dentre os 96 distritos de São Paulo, a segregação e desigualdade social é um fator que marca uma forte presença neste distrito, não pela quantidade mas pela heterogeneidade e disparidade existentes, bem como também nos distritos da Vila Maria e Vila Medeiros. Assim como no caso da região do Lauzane Paulista, esta área também tem uma segregação e exclusão socioespacial com grandes diferenças do seus arredores e como afirmam Camila Saraiva e Eduardo Marques, a heterogeneidade social se sobrepõe a espacial, tendo em vista que não são favelas que se encontram nas extremidades periféricas da cidade de São Paulo mas mesmo assim são presentes em um espaço com infraestrutura urbana, não muito distantes das áreas centrais da cidade mas com disparidades quanto ao seu conteúdo social de forma segregada.

Há uma outra luta social na zona norte que leva em consideração outro aspecto da vulnerabilidade, sendo o alimentar, principalmente quanto ao acesso a alimentos saudáveis. Esta luta está inserida no Jardim Filhos da Terra, bairro vizinho do Jova Rural, no projeto social Prato Verde Sustentável, localizado na Associação Mutirão. Esse projeto consiste numa horta urbana com o objetivo de fornecer alimentos para a população de vulnerabilidade social, ajudando essas famílias a terem uma qualidade alimentar. Nessa horta agroecológica promove-se a educação ambiental, ensinando a população sobre como fazer uma horta, manejar e produzir seu próprio alimento em suas casas. O idealizador desse projeto, Wagner Ramalho, tem papel fundamental nessa luta que além de ambiental é social, pois seu fundamento foi pensado justamente na dificuldade que a população em vulnerabilidade social tem de conseguir uma alimentação que supra as necessidades, tendo em vista que isso deveria ser de fácil acesso a todos, e não por acaso essa luta chegou na zona norte de São Paulo, no distrito do Tremembé, onde em entrevista para o G1 ele conta a sua história e como ela se entrelaça na luta social:

A consciência ambiental de Wagner foi despertada ainda na infância. Filho de pais separados, aos 6 anos, ele fugiu da casa onde morava com seu pai e morou nas ruas de Presidente Prudente, no interior de São Paulo. Sete meses depois seu pai o encontrou e pagou para que uma família indígena o criasse. *"A renda deles vinha do cultivo, então, era sopa de mandioca, sopa de batata-doce, era tudo da cultura de subsistência naquela casa, então, eu aprendi isso. Lembro que eles me deram um pedacinho de terra, simbólico e um pacotinho de alho, eu não saía daquele canteiro enquanto não nascesse. Quando eu vi o negócio crescendo e depois deu um monte, eu achei sensacional isso"*, conta ele. Já com 11 anos, a mãe de Wagner o trouxe para morar no Jaçanã, na Zona Norte de São Paulo. *Mas a vida em uma grande cidade não fez com que ele esquecesse o contato com a terra(...)* *Eu acho injusto as pessoas, por não terem dinheiro, não se alimentarem do que elas querem. É tão fácil, é tão simples cultivar, eu não estou inventando a roda, na verdade, eu estou mostrando, relembrando as pessoas a produzir seu próprio alimento"*, conta. (RAMALHO, 2019).

Então, a importância de expandir isso para as pessoas que mais precisavam fez com que Wagner tirasse do papel um projeto que fez em seu mestrado sobre Gestão Ambiental e colocasse em prática na Associação Mutirão, pois ele foi uma das pessoas que desde criança frequentava aquele local que fornecia aulas para jovens, com diversas atividades e assim isso teve um impacto positivo em sua vida.

Éder Sader atribui aos movimentos sociais a influência de uma forma de humanismo, com características como a solidariedade e a justiça social sendo praticadas em meio a uma sociedade com um forte discurso individualista burguês:

Nas representações que daí emergiram iria ressaltar um certo tipo de humanismo. Nelas se valorizavam as práticas concretas dos indivíduos e dos grupos em contraposição às estruturas impessoais, aos objetivos abstratos e às teorias preestabelecidas. Valorizavam-se também os atos de solidariedade através dos quais os indivíduos transcendiam a rotina vazia imperante na sociedade. E valorizava-se fundamentalmente uma sede de justiça que denunciava a situação social vigente. Em todos esses aspectos, as novas práticas discursivas atingiam a racionalidade tecnocrática e o individualismo burguês dos discursos dominantes. (SADER, 1988, p.194)

Assim, esses movimentos sociais representavam bem o retrato da cidade naquele período, onde no processo de periferização e com a espoliação urbana cada vez mais intensa, fizeram com que esses fatores fossem fundamentais para o surgimento de uma luta social numa nova forma, com características fragmentadas e diversas, pois a falta de políticas públicas para os problemas existentes na cidade afetou de várias formas esses grupos sociais mais vulneráveis, como os exemplos aqui citados.

Os movimentos sociais que Éder Sader utiliza como exemplo são um recorte da realidade daquele período e foram importantes para a mudança e conquistas de direitos que o Estado não disponibilizava de forma a contemplar a população como um todo, onde a que mais se prejudicava era a população pobre, mas que a mesma foi fundamental para realizar uma mudança na cidade através das intervenções de suas lutas, trazendo infraestrutura ou acesso à serviços que permitiam uma melhor qualidade de vida para a população.

Da mesma forma que os exemplos por ele citados foram importantes para essa mudança, os movimentos sociais da zona norte foram e continuam sendo importantes para uma mudança da realidade social que mesmo em anos e regiões diferentes, a forma de intervir segue tendo características semelhantes, como a motivação por conta da desigualdade social, justiça social, a solidariedade como prática concreta e indo contra ao que está estabelecido na sociedade para essa população.

CAPÍTULO 3: O CASO DO JARDIM FONTÁLIS E BAIRROS ADJACENTES.

O bairro Jardim Fontális fica localizado no extremo norte de São Paulo, na divisão administrativa do Tremembé, onde sua história se mistura com a história da formação dos bairros vizinhos como o Jardim Felicidade, Filhos da Terra, Vila Ayrosa, Joana D'arc, entre outros da região. No Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola EMEF Jardim Fontális encontra-se um material que conta como se formou o bairro, com uma lista de datas importantes que marcaram períodos dessa história. A primeira data que consta sobre quando chegou as primeiras pessoas nessa área foi em 1963, porém não há maiores informações sobre esse período, e refere-se que em 1970 era semelhante a uma fazenda de eucaliptos, na qual as vias de acesso eram como se fossem “trilhas” ou seja, ruas estreitas que eram capinadas para que pudesse servir de acesso, que foram alargadas através dessa capinagem sendo ruas de barro e quando chovia havia muita lama, tendo suas casas feitas de barracos de madeira e alvenaria. Nesse período interliga-se com o que Holston refere sobre a expansão urbana para as áreas periféricas da cidade, como já dito anteriormente, sendo segregadas das classes mais altas e com um processo caracterizado pela falta da ação governamental e sem financiamentos bancários. Ainda sobre o PPP, as estruturas do bairro foram descritas precárias:

No final dos anos 80 o bairro ainda contava com uma infraestrutura precária, contando com apenas alguns bares, um mini supermercado, um pequeno bazar e papelaria e dois telefones públicos (no 952-0836 e no 203-0352), rede elétrica e água e esgoto adaptada, coleta de lixo uma vez por semana e uma escola pública municipal no ensino fundamental.

A união, o trabalho e a luta das pessoas que moram no Jardim Fontális foram importantes para a obtenção das melhorias e no reconhecimento da região como bairro. (EMEF Jardim Fontális, Projeto Político Pedagógico, 2009, s.p.).

Nesse trecho percebe-se que até então essa região não era considerada um bairro apesar de já se ter muitas pessoas morando, vivendo e convivendo nesse lugar, na qual estavam sem a infraestrutura necessária em diversos aspectos que envolve saúde, educação, moradia, lazer, transporte, entre outras questões que precisam ter e com qualidade. O documentário chamado “Jardim Felicidade - História do Bairro de São Paulo/ SP”, disponível no YouTube, também retrata como se iniciou a

ocupação do bairro Jardim Felicidade que, no decorrer do documentário, mostra também o bairro Jardim Fontális, podendo ser utilizado como mais uma referência para se entender a história de ambos, pois o processo de ocupação ocorreu no mesmo período, mesmo que uma parte veio primeiro que a outra, mas a manutenção, urbanização, expansão acabou por fazer parte ao mesmo tempo de seu crescimento e história. Nesse documentário, a socióloga Márcia Vitoriano, autora de uma tese sobre o Jardim Felicidade, fala sobre a história do bairro junto aos moradores que explicam como foi esse processo de se ter acesso às moradias e desse território, no qual o documentário refere que uma parte do Jardim Felicidade pertencia a uma empresa chamada Clekin, porém havia erros nesta empresa:

“A descrição dos limites na área era muito imprecisa no título de propriedade da Clekin, e me parece que a empresa cometeu uma falha que levou a perda do processo. Ela englobou área muito maior do que ela tinha efetivamente de título de propriedade.” (Depoimento da senhora Marilda Mazzini retirado do documentário “Jardim Felicidade - História do Bairro de São Paulo/ SP, 05 '06”.).

Então, nessa parte do bairro era um grande terreno da empresa Clekin, porém a mesma acrescentou muito mais terras à posse de seus títulos de forma ilegal onde após a ocupação dos moradores isso foi comprovado e a empresa veio a perder a reintegração de posse que havia reivindicado, e os moradores conseguiram continuar com suas casas na região.

Para entender melhor a ocupação dessa região, foram realizadas entrevistas com alguns moradores que presenciaram esse período. Levando em consideração a grande importância que tem esses depoimentos, pois o bairro Jardim Fontális e os demais bairros vizinhos que aqui serão citados por fazerem parte de um mesmo período de ocupação, não tem um grande número de documentação disponível que contam sua história, e o que foi encontrado são apenas alguns registros fotográficos que poucos moradores tem, documentações de compra e venda da moradia chamada de “contrato de gaveta” ou algo similar, e os depoimentos que alguns moradores deram descrevendo o local e contando como que foi viver naquela

época, suas experiências do cotidiano, etc. Os moradores entrevistados moram em várias ruas diferentes mas pelo o que se contam em seus depoimentos, por mais que as denominações de seus bairros sejam diferentes, como Jardim Fontális,

Jardim Felicidade , Joana Darc, entre outros, o processo de ocupação se interliga e os nomes diferentes parecem tornar-se apenas denominações por questões administrativas e de localização mas que, para os moradores, em geral, todos esses bairros fazem parte de uma mesma região e por isso há uma questão de identidade que os une, sem descartar também que cada um desses bairros tem suas próprias características e diferenças. Então tendo isso em vista, essa análise será feita levando em consideração essa grande área que esses bairros formam como um conjunto, mas também será destacado algumas características diferentes que cada um tem.

Dona Conceição, de 54 anos, nasceu na Bahia e chegou no Jardim Fontális em 1995:

"Então, era assim, quando eu cheguei aí já tava invadido né, foi invasão aí diz que na época o terreno era da Santa Casa (hospital) e o povo invadiu (...) Que nem fazem mesmo com as invasões (os primeiros a chegarem) ocupam e depois (alguns dos que ocuparam) vendem os terrenos e as pessoas constroem (...) porque eu não ia invadir né, chegar da Bahia, novinha né com 20 anos e chegar aí e invadir terra. Cheguei lá (no Fontális) e já tinha a invasão aí um homem tinha dois terrenos e como a gente tava sem pra onde ir aí ele vendeu pra gente um e ele ficou com outro e o rapaz (que vendeu) já morreu há muitos anos (...) e do terreno eu fiz uma casinha. A dificuldade era muita, porque não tinha rua, era um "caminhozinho" feito, não tinha calçada, era tudo feito de barro, não tinha posto médico, só tinha 1 ônibus que saia bem cedinho as 4 horas da manhã, mas não tinha ônibus (até o bairro em si) na época e quando chovia a gente tinha que calça um sapato e depois uma sacolinha de mercado pra não sujar os pés porque era muito barro, muito barro mesmo, era muita dificuldade, um bairro novo começando, com muita gente desempregada, principalmente eu que quando cheguei estava desempregada (vindo a procura de um emprego) e com dois filhos no começo, aí depois o pessoal foram chegando, fazendo casas, fizeram as ruas, então foi melhorando."

Assim como Conceição, a moradora Maura de 50 anos de idade também veio da Bahia e foi morar no Jardim Fontalis na década de 1990 e conta como era precária a infraestrutura na época:

"Era um perrengue, vou te contar: Para a energia a gente fazia 'gato', pegava o 'gato' da energia aí da rua F (nome antigo da rua) bem precária, cada um tinha direito de ter 1 lâmpada nas casinhas né. E a água, o caminhão pipa vinha até a rua F e a gente ficava esperando, tipo 2 horas da manhã, 1 hora da manhã o caminhão pipa vir e a gente descia umas mangueiras e ia enchendo as caixas, mas era um perrengue porque se você perdesse o caminhão pipa você ficava sem água".

Também no mesmo bairro, porém em outra rua, a ex-moradora Patrícia, de 43 anos de idade, natural da Bahia, conta que chegou ao bairro em 1996 com sua mãe e

padrasto, e que nesse período até os primeiros anos dos anos 2000 foram muito difíceis por conta da infraestrutura.

“A gente chegou aí não tinha luz, não tinha água (...) a Luz era de ‘gato’, queimava muito as coisas dentro de casa e a água tinha que pegar ou lá na avenida ou numa bica que tinha aí na rua descendo (...) eu acho que a maior dificuldade era a água, a gente pegava quando chovia a água da chuva para armazenar. A nossa grande dificuldade foi a falta de água porque demorou bastante para colocarem. E também tem mais uma dificuldade: O barro. Era só barro onde a gente morava, na avenida (ushikichi kamiya) também era barro, então a gente escorregava para sair (...) chegava na avenida toda ‘barrenta’ (...) A gente passou muita dificuldade aí nesse lugar, pra ir pra escola também quando chovia não podia ir porque não dava pra ir e quando matavam gente também com a violência a gente não ia, perdia aula, porque a gente ficava com medo de vir a noite, porque a gente estudava a noite, tinha caso que a gente vinha e já tinha acontecido as mortes com o sangue tudo na rua, sabe? É, minha filha, foi triste o negócio.”

Ainda sobre a questão da violência, a moradora 1, que não quis se identificar, refere:

“Eu cheguei aqui no Fontális entre 1997, não tenho certeza do ano, pois não me lembro da data exata. A violência era o dobro do que existia hoje, no Fontális e região, e isso tinha haver com a questão das drogas (...) o índice de pessoas mortas, de jovens, era bem maior (...) A violência de antes para agora tem dado uma melhorada porque na época eu estudava na escola João Batista (localizada no Jardim Filhos da Terra) e a gente quase não tinha aula de tanto toque de recolher que tinha na região da escola, do Jardim Fontális, enfim, quando tinha era geral, as escolas tudo tinha que liberar os alunos mais cedo e a gente voltava pra casa desesperados, porque tinha muito tiroteios, mortes, etc. Ainda hoje tem a questão da violência mas é bem menos do que antes, e já faz alguns poucos anos que não tem toque de recolher e dos tempos mais recentes são bem menos frequentes do que antes, porém teve um por volta de 2015/16 que foi feio, tinha muita polícia, tropa de choque, ônibus queimado, foi bem complicado voltar pra casa, os ônibus não circulam, deixam as pessoas em certos lugares e as pessoas tem que voltar a pé, então é bem complicado. Aquela época do final dos anos 90 para o início dos anos 2000 foi muito triste, perdemos amigos, conhecidos, por causa da violência... tinha um amigo que na época eu estava conversando com ele pela manhã, aconselhando ele a sair dessa vida errada né, e quando foi mais tarde eu só ouvi uma gritaria na rua e uns disparos, quando saio para fora vejo ele lá, morto. Então foi bem triste esses tempos. Quero só deixar bem claro que a grande parte das pessoas eram trabalhadoras, pessoas de bem, só que é importante falar sobre essa questão da violência porque foi algo que aconteceu.”

A moradora Ana Maria, de 45 anos de idade, natural de Minas Gerais, conta a dificuldade que foi criar suas filhas pequenas nesse bairro, principalmente pela questão da saúde pública pois uma de suas filhas tinha asma e a todo momento ficava doente onde o acesso ao hospital e ao serviço público era difícil pois o mesmo se localizava longe do bairro, como o tratamento especializado ou de

emergência. Porém, ainda assim, o SUS foi algo de grande importância para ela e para toda uma população daquela região, que precisavam muito de seus serviços:

“Referente à saúde, não tinha os postinhos de bairro ou AMA, o posto mais próximo que tinha era o do Jaçanã, hospital São Luís, hospital Mandaqui então era menos posto de saúde do que tem hoje, mas não significa que a saúde tenha dado uma grande melhorada hoje em dia porque os postos de bairros não tem médicos suficientes para atender as pessoas né, mas antes a espera por uma consulta era bem maior, já teve situações com minha filha que eu tive que ficar 1 ano de espera pra um determinado exame que eu só consegui pela graça de Deus e eu era muito insistente de passar todos os dias para ver se tinha vaga e aí eu consegui o tal exame que precisava fazer, mas tinha que ficar em cima tentando encaixe, tentando vaga. Eu não senti que mudou muita coisa referente ao antes e o depois nos tempos de agora não, mas deve ter melhorado mas bem pouco.”

Já a moradora Sara de 35 anos de idade, do Jardim Felicidade, conta como foi sua trajetória, vivência e o que a fez chegar no bairro:

“Eu cheguei em 1993, através de uma situação difícil. Nós morávamos no Jardim Brasil, minha mãe pagava aluguel, ela tinha 5 filhos e não tinha mais condições de estar pagando aluguel e ela foi convidada por uma pessoa para vir pra essa região e quando chegou aqui um homem deu um terreno pra ela, aí ela conseguiu por doação um material de construção e construiu um cômodo sem banheiro e aí bateu a laje e nós entramos para dentro. Ela que fez o contra-piso e a situação era bem precária porque não tinha banheiro, não tinha nada, era uma situação de emergência mesmo, e foi assim que vim morar nessa região aqui. O bairro tinha poucas casas, era mais barracos, não tinha água encanada, não tinha luz, não tinha asfalto, tinha muita área que ainda tinha bastante mato, muito espaços vagos que ainda não tinha sido ocupado por moradores, e as principais dificuldades era a água, a luz, o transporte também era ruim porque não tinha todas as linhas que tem hoje e quando chovia aí que o negócio ficava pior (...) pra ir pra escola também era difícil, eu lembro que teve uma época que tava chovendo e eu precisava ir pra escola e a gente descia deslizando praticamente porque não tinha aonde segurar (...) a água vinha de umas mangueirinhas pretas lá perto da avenida Ushikichi Kamiya e no morro que hoje é bastante comércio, então trazia até a residência, e quando estourava essas mangueirinhas tinha que sair procurando onde tava o vazamento pra poder arrumar pra você poder ter água na sua casa e tinha uma bica próxima da minha casa que às vezes quando não tinha água por essa mangueirinha a gente descia pra lavar louça lá nessa bica, que ainda existe mas hoje está canalizada.”

Continuando em seu relato, Sara fala sobre a questão da moradia e uma tragédia que houve naquela região:

“Eu não me recordo o ano que houve esse deslizamento, mas já tem muitos anos e foi próximo a rua Nossa Senhora e a rua Esperança. Estávamos passando nesse local que houve o desabamento, é um escadão que até hoje existe, mas já foi fechado aí os moradores reabrem porque é um caminho de acesso pra outras ruas e hoje ele se encontra aberto. Já havia

esse escadão porém era de barro e é um local de morro, tinha algumas casas já construídas e tinha esse escadão de barro que hoje é de cimento, e nós estávamos passando por lá justamente para cortar o caminho que nós estávamos indo para o Jardim Brasil, aí tinha uma mulher na janela e eu me recordo como se fosse hoje, minha mãe falou assim: 'Mulher, você não tem medo desse morro desabar não?' e ela falou assim " Não, não tenho medo não". Aí fomos para a casa dessa colega do Jardim Brasil e ao retornarmos tinha muita gente, caminhão de bombeiro, de polícia e o acesso estava fechado aí só então ficamos sabendo que houve o deslizamento justamente naquele local que nós passamos, e teve vítimas, inclusive um bombeiro. Depois desse episódio teve outro deslizamento mas foi de terra, não teve mais nenhuma vítima. Inclusive hoje está tendo uma grande reforma nessa região porque, eles chegaram a fazer uma rua para dar acesso a rua Nossa Senhora e terminando a rua Esperança eles fizeram uma outra rua para cair já na rua Nossa Senhora, que é onde também tem um escadão, só que aí não sei se o serviço foi mal feito mas não deu certo os trabalhos que foram feitos anteriormente pois teve vários deslizamentos, esses deslizamentos afetaram as casas debaixo mas não teve mais vítimas, fecharam o acesso para carro e moto só deixaram para pedestre e o morro continuou... Várias árvores grandes, pé de abacate... e aí quando foi o ano passado, antes das eleições, começaram a fazer uma grande obra lá no morro, onde colocaram aquelas mangueiras pra poder filtrar a água que desce do morro , como se canalizações o morro. No local onde eles abriram para fazer uma rua eles abriram de novo pra fazer essa rua só que agora eles estão fazendo de forma diferente, eles já fizeram uma parte de cimento mas é um cimento bem reforçado, bem acima do barro mesmo e a obra está em andamento mas pelo o que a gente observa agora a obra está bem melhor do que as anteriores , porque antes eles vinham e faziam o muro, o cimento e pronto, quando vinha aquela chuva forte deslizava o morro, fechava o acesso do escadão, fechava o acesso da rua e voltava a estação zero. Agora a gente já observa que é diferente, eles estão fazendo uma obra mais detalhada , a gente percebe que a obra é melhor e aí está dando seguimento."

O morador 2, que também não quis se identificar, refere sobre como foi a abertura de uma das ruas do bairro Jardim Fontális:

"Tinha bastante mato nessa rua né, aí eu e mais três amigos moradores do bairro que abrimos essa rua. 'Contratamo' uma máquina, 'compramo' uma manilha e 'colocamo' aí numa passagem de água que tinha bem aí, que era um córrego pequeno."

Já a entrevista com a moradora Bel, de 56 anos de idade, aborda como foi a ocupação desse espaço no Jardim Joana D'arc, que tem os aspectos que Holston fala em seu texto, sobre a divisão de loteamentos na periferia que eram vendidos a preços baixos para os trabalhadores pobres onde os mesmos construíam suas casas. Bel relata que foi muito difícil essa construção, mas que ela e seu marido que levantaram a casa.

"Então, eu cheguei aqui no Fontális (Jardim D'arc) por intermédio de um parente/conhecido do meu marido. Na época estava vendendo aqui né os loteamentos e esse conhecido do meu marido comprou, falou pra ele e a gente veio aqui. Na época foi o que coube no nosso bolso e aí nós

compramos. Foi dessa forma que eu cheguei aqui no Fontális, em 1994. Eu não nasci aqui, eu nasci na Bahia, cheguei em São Paulo com 21 aninhos em 1988, então eu tenho mais tempo de São Paulo do que de Bahia mas não abandono minha Bahia nem meus costumes e nem minhas origens (risos). O bairro que eu moro é aqui no Joana D'arc, perto do Fontális né, que aqui só separa as ruas pra ser outro (nome de) bairro nunca vi um negócio desses, mais é isso né... e conseguimos comprar aqui e construir com muita dificuldade."

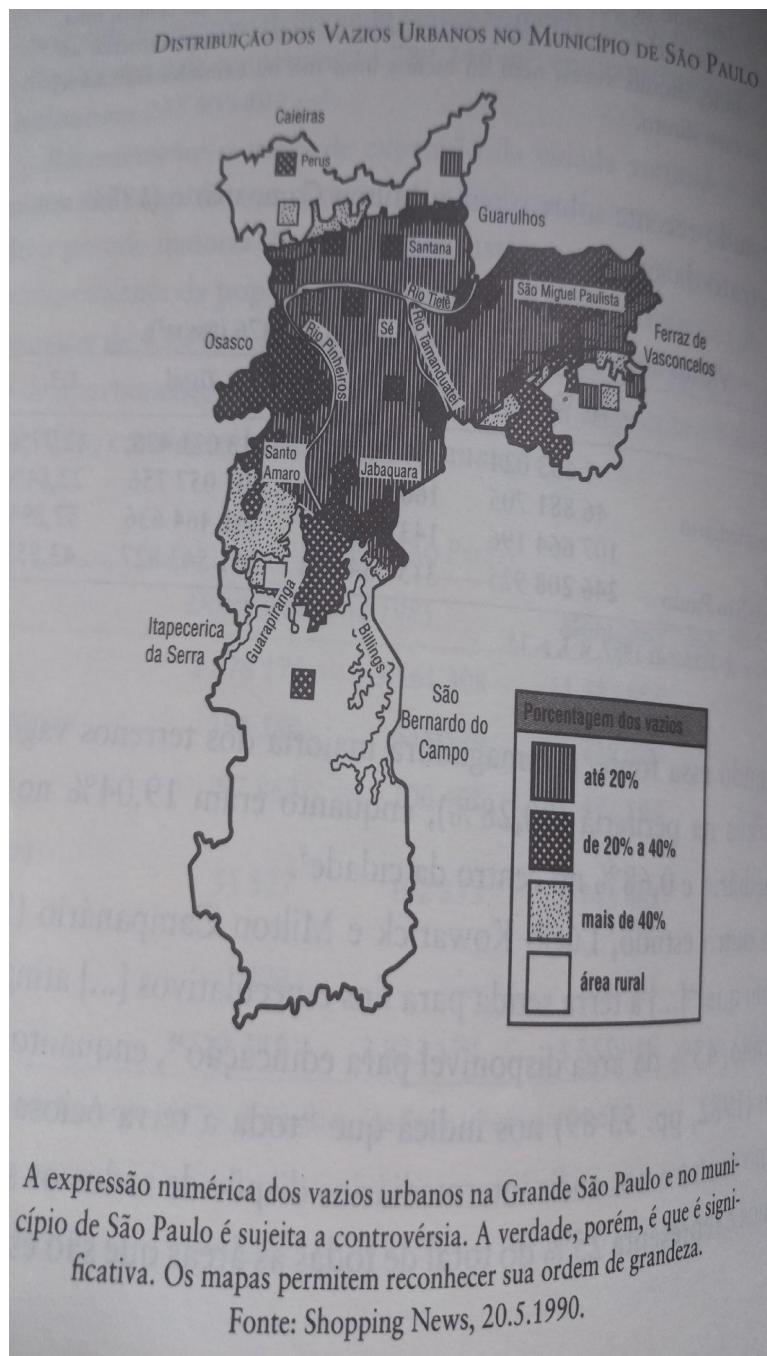
Bel relata que uma das motivações com a construção dessa casa própria era dela e a família saírem do aluguel em que moravam anteriormente. Relata também os aspectos do bairro e seu antecedente, sendo uma chácara em que morava uma família de Portugal que já tinha a posse da chácara por uso capião e essa mesma família anos depois vendeu essa chácara para uma Associação que a loteou. Segue o relato:

"Quando eu mudei pra cá já tinha o bairro de Furnas. Essa parte que eu moro, e toda parte pra trás, era de um senhor que morava que ganhou em uso capião, ele criou os filhos dele tudo aqui (...) era um casal de Portugueses (...) tinha muita árvore, muito eucalipto, muito passarinho, tinha chuchu... e aí esse senhor vendeu para uma Associação depois que ele ganhou por usucapião, assim contam né, e aí loteou. Foi assim que o conhecido do meu marido informou pra gente que tava vendendo uns terrenos, compramos e construímos com muita dificuldade. Meu marido foi o pedreiro e eu a ajudante de pedreiro, no final de semana eu vinha com as duas crianças para a obra e os parentes dele faziam mutirões para ajudar porque era assim, ou a gente construía uns cômodos pra sair do aluguel ou pagava pedreiro, então a gente tinha que meter as caras...foi assim que chegamos aqui e aí foi surgindo as melhorias, com muita dificuldade, não tinha água, não tinha luz elétricas, tinha mangueiras para ajudar a subir a água da Associação pra cá, gambiarra. Foi com muita dificuldade e sacrifício viu, não foi fácil nossa situação aqui não."

Esses relatos mostram como foi a ocupação dessa área, que tem datações mais antigas em outras referências como a citada anteriormente de 1963, ou até mesmo o ganho do usucapião da terra pelo casal de portugueses, evidenciando uma forma de ocupação muito presente no século passado que era a das chácaras pertencentes há algumas famílias, principalmente de imigrantes, com grandes extensões de território sem ocupação. Além dessa chácara ser uma informação importante sobre esse território e sua forma de ocupação, segundo o relato de Dona Conceição, também tinha a presença da fazenda Santa Casa, sendo mais um fator que mostra a questão das fazendas e as posses de grandes extensões de terras pertencentes há alguma família, como foi abordado no capítulo 1 dessa dissertação.

No caso do Jardim Fontalis e seus bairros vizinhos, ou seja, aquela região periférica e bastante afastada em termos de localização, o processo foi mais espoliativo e ocupado de maneira informal como relata Dona Conceição e Sara, mas também teve algum nível de organização através da Associação com os loteamentos como informa Bel. No livro *Metrópole Corporativa Fragmentada*, de Milton Santos, é abordado a questão dos vazios urbanos no município de São Paulo onde parte desses vazios que estão localizados no centro e nos anéis intermediários tem por objetivo a especulação imobiliária dispondo de todos os serviços urbanos, segundo os estudos de Pedro Jacobi e citado por Milton Santos (1990, p.31-32) havendo também espaços vazios pertencentes à Prefeitura, Estado União e particulares totalizando cerca de 229 milhões de metros quadrados nos anos de 1990. O mapa abaixo evidenciam isso:

Mapa 8: Mapa sobre a distribuição dos vazios urbanos no município de São Paulo.



Fonte: Shopping News, *apud* Santos, 1990, p.32.

Nota-se que na zona norte na parte mais periférica havia uma quantidade significativa de área considerada rural, ou seja, sem urbanização, ao contrário do centro da cidade e região Oeste que já era bastante urbanizada. A chácara do casal de portugueses citados pela moradora Bel, a fazenda Santa Casa e a empresa Clekin que possuía uma quantidade de terras em extensões significativas entram

nessa questão dos vazios urbanos que foram ocupados através do processo de expansão urbana, onde, conforme os relatos em meados dos anos 90, esse processo ganhou proporções maiores com a chegada de cada vez mais pessoas para morarem nessa região, a procura de poderem ter acesso à uma casa própria, mesmo com as dificuldades que isso envolvia. Esse fenômeno das ocupações irregulares está relacionado à diversos fatores, dentre eles, Milton Santos cita alguns:

O crescimento metropolitano resulta de um conjunto de processos sistematicamente interligados, entre os quais a integração do território, a desarticulação das economias tradicionais e dos cimentos regionais, os novos papéis da circulação no processo produtivo, o desencadeamento de grandes correntes migratórias, paralelamente ao processo de concentração das rendas. Esse conjunto de processos traz às grandes cidades numerosas levas de habitantes do campo e das cidades menores, que se instalam como podem e, via de regra, terminam por se aglomerar nas enormes periferias desprovidas de serviços(...). (SANTOS, 1990, p.53-54)

A questão da concentração de renda, segregando os mais pobres até mesmo do direito de ter uma infraestrutura para ter acesso à uma melhor qualidade de vida na cidade, questões econômicas em diferentes escalas, entre outras, irá se reproduzir no espaço urbano e afetar de diferentes formas a população, principalmente quanto à sua classe social. Segue abaixo algumas fotos de como era o bairro na época referida nas entrevistas, sendo fotografias do final dos anos noventa até o início dos anos 2000 disponibilizadas pela moradora Bel. A paisagem urbana revela sobre a infraestrutura e a ocupação da região:

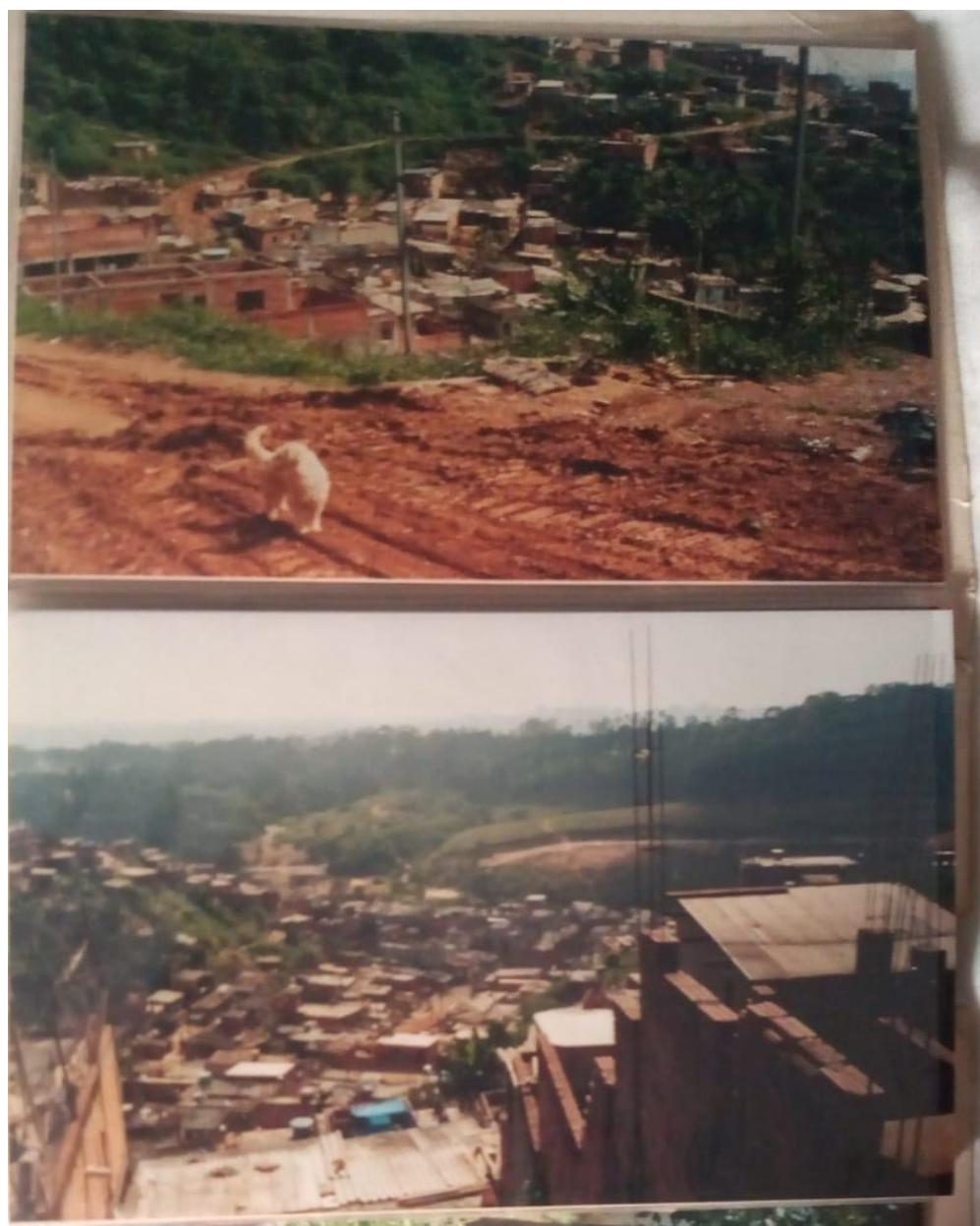
Figura 3: Fotografias do bairro no início dos anos 2000.



Fonte: Autor Desconhecido, final dos anos 1990 para o início dos anos 2000.

Nesta primeira foto acima nota-se uma paisagem mais ampla do bairro e na foto de baixo mostra de forma mais aproximada uma pequena moradia sem laje batida, apenas telhado, com o chão ao redor ainda de terra.

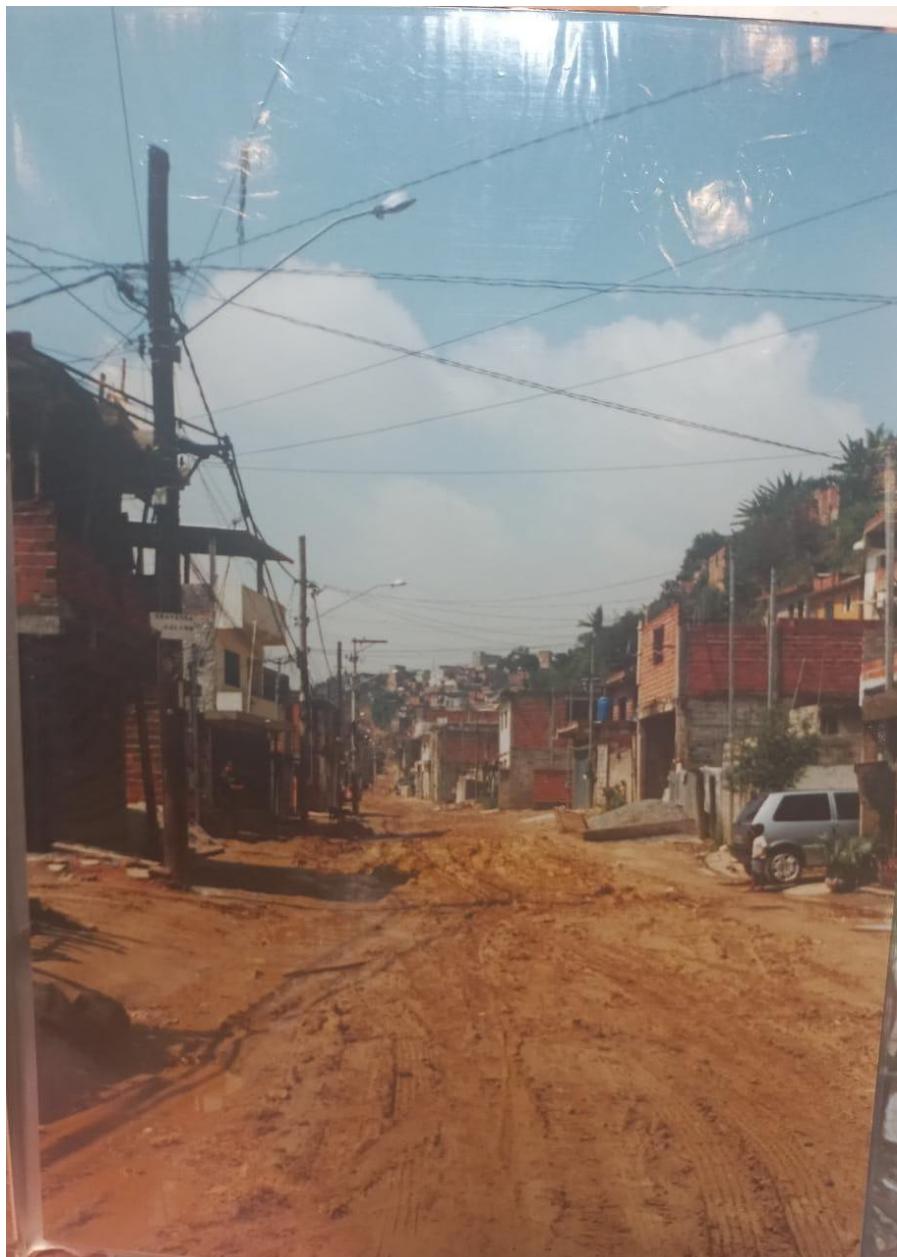
Figura 4: Fotografias do bairro no início dos anos 2000.



Fonte: Autor desconhecido, final dos anos 1990 para o início dos anos 2000.

Na foto acima vê-se ruas ainda sem asfaltos e na foto de baixo constata-se a altitude deste relevo.

Figura 5: Fotografias do bairro no início dos anos 2000.



Fonte: Autor desconhecido, final dos anos 1990 para o início dos anos 2000.

Essa foto mostra uma das ruas ainda sem pavimentação e com casas sem reboco.

Figura 6: Fotografia do bairro do ano de 2021.



Fonte: Letícia Souza, 2021.

Nesta fotografia mostra o bairro anos depois de sua formação, onde há a presença de uma área de vegetação com o relevo bastante acidentado.

Figura 7: Fotografia do bairro do ano de 2023.



Fonte: Letícia Souza, 2023.

Já na figura 7 mostra mais de perto uma parte dessa área de vegetação com alto declive e a presença das casas.

Figura 8: Fotografia do bairro do ano de 2021.



Fonte: Letícia Souza, 2021.

Nesta foto mostra uma parte do bairro de forma mais específica, com as moradias numa rua bastante estreita e com o chão em cimento.

Figura 9: Fotografia do bairro do ano de 2022.



Fonte: Letícia Souza, 2022.

Esta foto da figura 9 é mais ampla, na qual mostra o bairro do Jardim Felicidade em primeiro plano, a área verde do Cemitério Parque dos Pinheiros e aos fundos o município de Guarulhos que faz divisa com essa região, onde atrás do cemitério tem a presença de diversos prédios, fazendo contraste com a paisagem do Jardim Felicidade onde há diversas casas aglomeradas e sem o reboco por fora.

As melhorias vieram através de muita luta social por parte dos moradores dessa região, que se organizaram para fazer suas reivindicações em busca de direitos básicos que não eram providos. Assim, na entrevista, a moradora Bel conta como foi esse processo:

"A melhoria veio através da luta dos moradores, a gente tudo ia para as reuniões (...), as reuniões eram na Associação, era também na casa de moradores que se disponibilizavam. Uma vez eu fui na missa das 7 na igreja Natividade e quando terminou a missa o padre deu o aviso

convocando as pessoas desse bairro para ir numa reunião com outros dois moradores para ir lutar em busca da Sabesp e da Eletropaulo (atual Enel) para entrar com a luz. A minha outra vizinha também fazia reunião na casa dela, eu fui algumas vezes nas reuniões, foi muita confusão no bom sentido, não tinha confusão e nem briga, mas a gente sempre estávamos reunidos procurando melhorias."

Uma dessas melhorias foi a chegada da UBS Jardim Fontális na comunidade que trouxe uma forma de assistência à saúde oficial. Bel conta como ia sendo providenciado isso de maneira informal anteriormente e como que a luta fez com que a UBS se instalasse:

"Foi avisado na missa (na igreja Natividade) que tinha um posto de saúde e eu vim para a casa e conversei com a minha vizinha e chamei ela para ir ao posto. Esse posto era na rua Augusto Rodrigues, era uma casa muito grande, muito espaçosa, alugada, vinha médicos plantonistas fazer plantão aí tinha dia que tinha pediatra, tinha dia que tinha clínico, tinha dia que tinha plantonista, e quem tocava era as líderes comunitárias e a pessoa que tinha uma 'condição' dava uma contribuição uma vez por mês de 2 reais né, o tanto que podia dar na época, pra ajudar a pagar a conta de luz, água, tinha uma moça que limpava, era tudo bem organizado. Essa extensão desse posto que estou acabando de te citar foi o que fez nascer o posto Jardim Fontális... e aí por conta de política esse posto foi fechado por um tempo, as coisas ficaram lá guardadas e fomos lutar pra ter esse posto, que foi em 2000 né que foi alugado essa casa...dizem que foi alugado, eu não sei, porque nunca vi papel nem documento, só sei que contar o que passavam pra gente, e foi inaugurado esse posto que na época tinha 10 Agentes Comunitários de Saúde (...) encontramos muitas dificuldades, muitas crianças doentes com hepatite, não tinha saneamento básico na época, muitas crianças com vacinas atrasadas porque só tinha o posto do Joamar e eu acredito que a gente fez história, viu. Eu não sei se eu ainda tenho fotos das ruas todas abertas, das valas, não tinha saneamento básico, não tinha esgoto, era tudo a céu aberto, era uma coisa assim fora do normal (...) E foi assim que nasceu nosso posto e nós ficamos aí 20 anos e agora mudamos para lá (a mesma UBS porém em outra rua) como você sabe e conhece (...) Aquela 'casinha' (forma popular que chamavam a UBS Jardim Fontális no antigo endereço pois sua estrutura era de uma pequena casa simples de madeira) salvou muitas vidas, embora fosse pequena e apertada a gente fazia muito, além da conta".

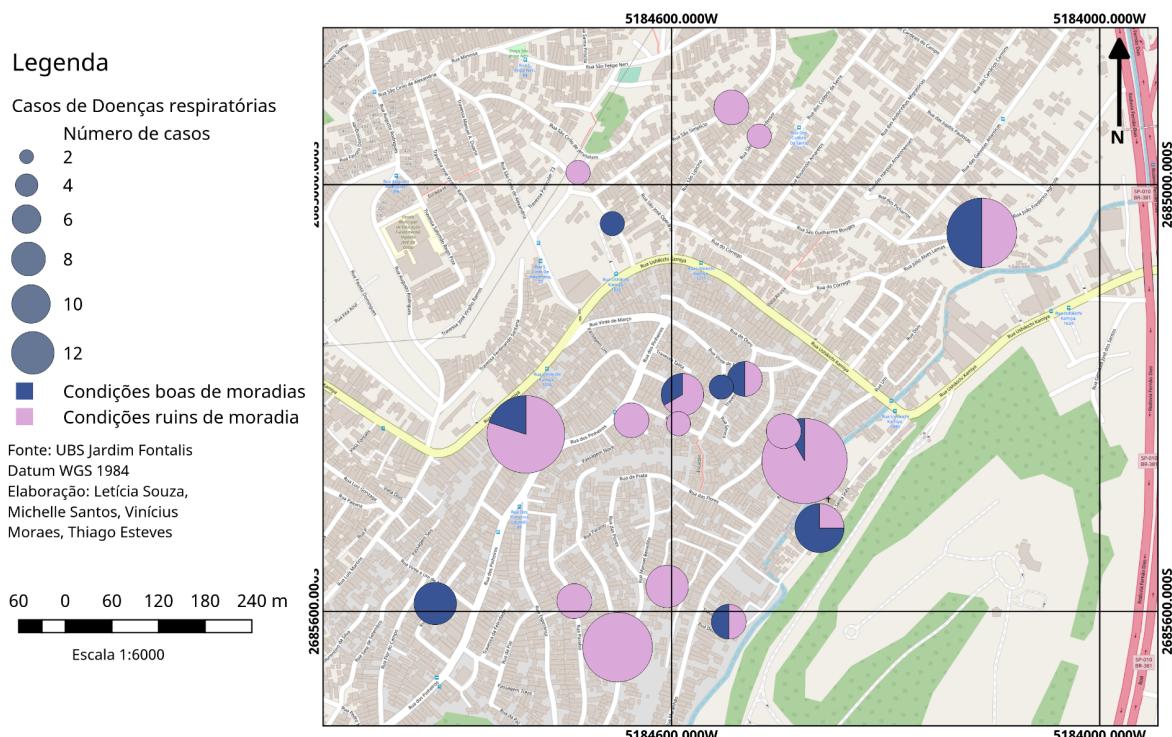
Então essas lutas sociais foram de grande importância para pressionar o poder público a trazer efetivamente melhorias para a região que, além de ser afastada espacialmente quanto à localização do centro da cidade com toda sua infraestrutura, era afastada também em termos sociais por conta da segregação e desigualdade existente. Os moradores tiveram papel fundamental para a implantação da UBS, para a construção das casas através de mutirões, a chegada de luz elétrica de maneira legalizada, saneamento básico, escolas, asfaltamento de ruas e todas essas melhorias que antes não haviam ou se haviam era de forma bem

precária, mas que atualmente, segundo os relatos dos moradores, melhorou bastante em vista do que era antes. Em 2009 houve a inauguração de mais uma escola para a região, a EMEF Jardim Fontális, ajudando a dar suporte para a escola EMEF Hipólito José da Costa que já existia desde 1987, mas que contava com poucas turmas. Em 2013 houve a inauguração de um espaço público promovido pelo governo através de políticas públicas, a Fábrica de Cultura Jaçanã, que fica localizada no bairro vizinho Jova Rural, porém que atende jovens da região, na qual oferece aulas de dança, música, teatro, costura entre outras atividades culturais e de lazer.

Ainda que o bairro tenha melhorado bastante em relação ao que era antes, a questão da moradia ainda tem suas vulnerabilidades, onde muitas das casas mesmo que de alvenaria ainda assim tem a falta do reboco completo, por estarem amontoados acabam por não receber luz solar de forma eficiente, pouca ventilação, entre outras questões que podem vir a afetar a saúde dos moradores com o desenvolvimento de mofo através da umidade. Para entender melhor essa questão foi realizado um estudo de caso no bairro Jardim Fontális sobre a ocorrência de doenças respiratórias como asma e bronquite relacionado à moradia, onde foi feita uma pesquisa amostral numa parte da área de abrangência da UBS Jardim Fontális que resultou em um mapa mostrando essa relação:

Mapa 9: Mapa sobre saúde e moradia na área de abrangência da UBS Jardim Fontális.

Ocorrência de doenças respiratórias e condições de moradia



Fonte: Elaborado pela autora junto ao LABCART, Michelle Santos, Vinicius Moraes e Thiago Esteves, em 2022.

Na pesquisa entende-se por condições boas de moradias as casas onde há pelo menos a maior parte de características como a presença do reboco, boa ventilação, luz solar e não ter mofo, sendo sinalizado na legenda do mapa na cor azul. Já as condições ruins de moradia, sinalizado na legenda na cor lilás, está sendo levado em consideração casas com características como a falta de reboco relacionado à falta de ventilação, luz solar, umidade e assim tendo a presença de mofo. As casas utilizadas na pesquisa são as moradias em que há pessoas que tenham asma ou bronquite, mas não são contabilizados todos os moradores com esta doença pois é apenas uma amostra.

Através deste mapa temático, percebe-se que a ocorrência de doenças respiratórias segundo os dados de amostragem, em sua maioria, está relacionado com as condições de moradia das pessoas com bronquite ou asma, onde a maior parte que

tem essa doença encontra-se em moradias com características como casas que tem a ocorrência de mofo, não tendo acabamento completo como o reboco, não recebendo a luz do sol e tendo pouca ventilação o que prejudica quanto à umidade.

Porém isso não é colocado como um fator determinante até então, pois ainda assim há casas com condições de moradia tendo características como acabamento completo, recebendo luz solar, não havendo mofo e mesmo assim há pacientes asmáticos ou com bronquite. Trata-se apenas de algo que deve ser levado em consideração que os tipos de moradias influenciam na qualidade de vida do morador e também está relacionado à questões de saúde, como por exemplo as doenças respiratórias. Então é muito importante as políticas públicas estarem atentas principalmente nas áreas de maior vulnerabilidade social que, neste caso, a UBS Jardim Fontális exerce uma importante função para identificar esses casos através do trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde que faz parte de uma política pública de prevenção e promoção à saúde relacionado ao ESF (Estratégia Saúde da Família) sendo um programa do SUS que ajuda a minimizar esses problemas de saúde e a melhorar a qualidade de vida que, portanto, é um direito mesmo que muitas vezes seja esquecido.

3.1 A QUESTÃO DO LAZER E O DIREITO À CIDADE NA REGIÃO

Ainda sobre direitos, a questão da exclusão socioespacial encontra-se relacionado a temática do direito à cidade, pois quando uma parte da população é segregada, como é o caso da cidade de São Paulo, e vive em condições de desigualdade de renda, infraestruturas, moradias, acesso à educação, saúde e até mesmo ao lazer, o espaço urbano torna-se um lugar de disputa e novas formas de se produzir e materializar surgem. No livro *O Espaço do Cidadão*, Milton Santos explica o que seria o direito à cidade:

Por exemplo, na esteira do que escreveu Henri Lefebvre, muito se fala em 'direito à cidade'. Trata-se, de fato, do inalienável direito a uma vida decente para todos, não importa o lugar em que se encontre, na cidade ou no campo. Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo da sociedade, por meio das instâncias do governo, e são devidos a todos. Sem isso, não se dirá que existe o cidadão. (Santos, 1987, p.157-158).

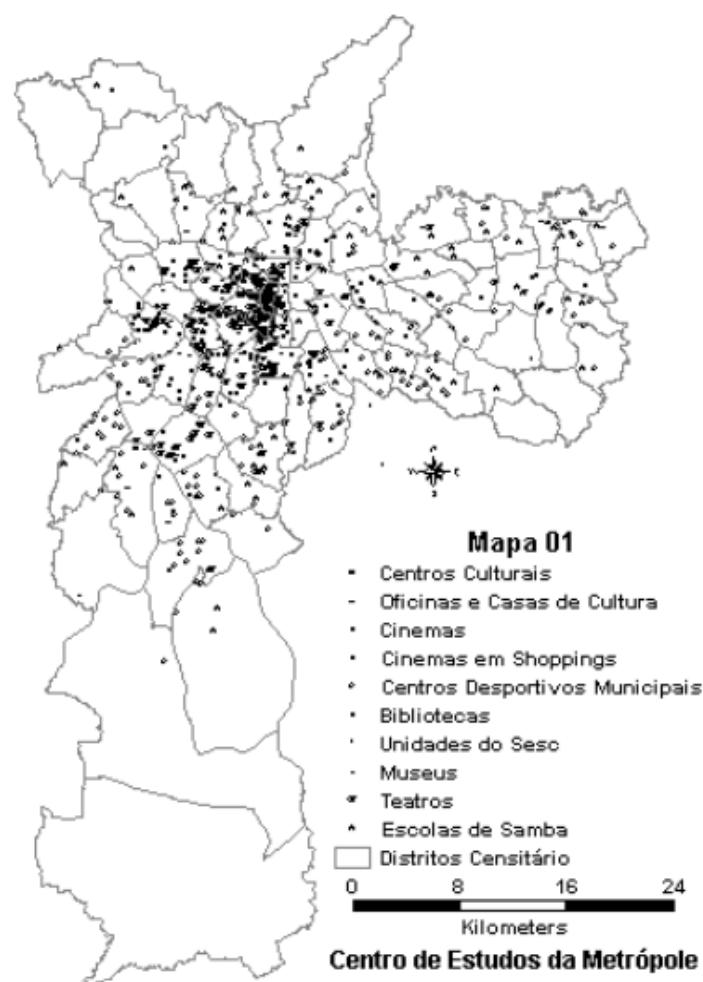
O direito à cidade é necessário para que o cidadão possa ter qualidade de vida e o governo tem o dever de garantir isso para toda a população, porém não são todos

os lugares que tem a presença desses aparatos de forma efetiva. O caso do Jardim Fontális e os bairros vizinhos no final dos anos de 1990 até o início dos anos 2000 é um exemplo da falta e da dificuldade de acesso à infraestruturas como transporte, moradia, escola, hospitais, UBS entre outros, como foi relatado pelos moradores que vivenciaram esse período, sendo estes os aparatos básicos necessários, porém outro ponto importante para uma vida urbana com qualidade trata-se sobre o lazer, que também faz parte do direito à cidade. O tempo livre e como ele é usado está relacionado aos momentos de lazer que, na cidade de São Paulo, as opções e equipamentos públicos para isso são concentradas. Para compreender melhor essa questão, o livro “São Paulo Metrópole em Mosaico” aborda sobre o lazer paulistano no capítulo 11, onde Ricardo Mendes Antas Junior explica esse assunto no quesito histórico e espacial, como isso ocorre no município e as especificidades da periferia:

As periferias de São Paulo estão repletas de apropriação do espaço urbano. Ainda assim, deve-se frisar que, por pressões de toda ordem, mais espaços públicos específicos para entretenimento e esportes vem sendo criados, embora ainda não atendam satisfatoriamente à demanda, especialmente porque seguem sendo muito concentrados, e a própria metrópole tem uma organização espacial corporativa (SANTOS, 1990). (ANTAS JR., 2010, p.169)

Ainda que a quantidade de espaços públicos para o lazer esteja sendo criados, no caso do Jardim Fontális e seus bairros vizinhos os moradores durante as entrevistas relatam sentir falta de mais espaços assim onde moram. A questão da demanda é algo importante pois, por exemplo, há uma Fábrica de Cultura no bairro Jova Rural sendo a única para atender os moradores dessa região e seus bairros vizinhos, sendo a opção mais próxima. As quadras das escolas públicas dos bairros ficam abertas nos finais de semana para a população, exercendo a função do lazer para a comunidade com o aparato esportivo, além de poucas praças pequenas na região. No artigo “Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública” de Isaura Botelho, há um mapa do Centro de Estudos da Metrópole sobre a distribuição espacial dos equipamentos de cultura:

Mapa 10: Mapa sobre a distribuição de áreas de lazer e cultura no município de São Paulo.



Fonte: Revista de Estudos regionais e urbanos - n.43/44 São Paulo, 2004.

Neste mapa nota-se a concentração dos equipamentos culturais e de lazer nas áreas centrais do município, porém há equipamentos espalhados nas áreas periféricas também. Em relação à área de estudo da zona norte, mais especificamente no distrito do Tremembé e do Jaçanã percebe-se que consta poucos equipamentos em relação à outros distritos. Dados mais atualizados como o da Rede Nossa São Paulo mostra a quantidade ofertada nos 96 distritos do município de São Paulo, porém na tabela abaixo foi selecionado o distrito de maior presença dos equipamentos públicos para lazer e o de menor presença para podermos comparar com os distritos do Tremembé e Jaçanã, onde estão

localizados o bairro Jardim Fontális e região, com os demais bairros vizinhos que compõem este estudo.

Tabela 3: Equipamentos públicos de cultura.

Proporção (%) de equipamentos públicos de cultura (municipais), para cada cem mil habitantes, por distrito.	
DISTRITO	VALOR
REPÚBLICA	14,5%
JAÇANÃ	3,1%
TREMEMBÉ	0,4%
VILA SÔNIA	0%

Fonte: Organizado pela autora, 2023. Dados coletados da Rede Nossa São Paulo, 2021.

Esta tabela é uma amostra dessa proporção para se ter um parâmetro, onde há uma baixa oferta desses equipamentos na região do Tremembé com 0,4%. O distrito do Jaçanã contém mais equipamentos porém ainda é díspar em comparação ao distrito da República, que tem bastante equipamentos públicos de cultura, sendo o de valor mais alto dos distritos.

Sobre a opinião dos moradores em relação aos espaços de lazer no bairro, dona Conceição afirma:

“Agora (sobre o) lazer tá horrível, não existe. Precisamos de mais, precisamos de tudo! Precisamos de uma área livre para nós (...) não tem nada aí, nada. Para poder fazer uma caminhada a gente tem que ir para o Sobradinhos ou então para o Rodoanel”

Para esta moradora o bairro não tem espaços de lazer para ela desfrutar e sua reclamação aborda a questão da distância do deslocamento pois se quiser uma área que tenha um espaço maior para fazer uma caminhada teria que ir para o bairro vizinho Sobradinhos, que é menos movimentado e não tem a presença de tantos ônibus passando pelas ruas ou então o Rodoanel Norte, que seu trecho passa próximos aos bairros Jardim Flor de Maio e Jardim Corisco, que é uma obra do governo que está parada há anos e então os moradores dessa região se apropriaram desse espaço e utilizam como uma área de lazer para fazer atividades físicas como caminhadas, aprender a dirigir carro, pilotar moto, sendo conhecido

também pela população como “Rodograu” tendo em vista a função de lazer que esse espaço se tornou pela falta de equipamentos do governo nessa região próximos a seus bairros. A moradora do Jardim Fontális, Dayane, de 21 anos, também fala sobre como é a questão do lazer no bairro:

“Aqui não tem um espaço de lazer de fato, que seja algo que o governo fez pra isso. O que acontece é que as pessoas acabam tendo que criar o seu próprio lazer, como os que tem por aqui como os bailes funk, bar, tabacaria, etc., mas tem uma polêmica sobre isso com o restante dos moradores por conta do som alto também. Tem os CJ (Centro para Juventude) que tem atividades culturais, mas tem um número de vagas pequeno e acaba que não é um lugar aberto pra todas as pessoas no geral né. Então aqui é um lugar que não tem tantos espaços de lazer como bibliotecas, museus, teatros ou algo assim, se quiser ir nesses lugares vai ter que sair daqui do bairro pois por aqui não tem.”

Então tendo em vista a questão da apropriação dos espaços públicos urbanos, o que a moradora Dayane Souza relatou relaciona-se com o que Antas JR.,(2010) aborda em seu texto sobre o lazer paulistano onde as periferias tem muitos exemplos dessa apropriação. Considerando esses exemplos e a queixa dos moradores pelos poucos espaços contidos próximos a seus bairros, um grupo de lideranças da comunidade local criou uma casa de cultura para atender essa população. Esse espaço surgiu através de um antigo telecentro que funcionava na região do Jaçanã, próximo a avenida Antonelo da Messina, sendo regido pela prefeitura porém a mesma fechou o Telecentro e abandonou esse espaço, não tendo então nenhuma função social. Assim as Lideranças da comunidade junto com o movimento hip hop da região ocuparam esse espaço que estava abandonado e transformaram em uma casa de cultura desde 2014, nomeada de Casa Cultural do Hip-Hop Jaçanã, onde Day Moreira, jovem indígena e uma das articuladoras, conta em entrevista para o jornal O Futuro de São Paulo sobre a especificidade dessa casa de cultura:

A palavra escolhida, “ocupam”, chama bastante a atenção. A Ocupação Cultural do Jaçanã não é uma casa de cultura tradicional, cujo espaço é alugado ou comprado. Também não é uma ocupação comum, inserida na luta pela moradia da população sem teto. Day complementa: “a casa é uma ocupação cultural que também se amplia no sentido de ofertar outros tipos de assistência à nossa comunidade que não só a cultura, então têm também questão de assistência social, entrega de leite, entrega de cesta básica, tem a questão de educação, como o cursinho... então ela tem esse caráter cultural porque boa parte dos coletivos que ocupam são da área da cultura, mas ela também não se restringe a essa questão cultural”. (JORNAL O FUTURO DE SÃO PAULO, 2022, s.p.).

Essa ocupação surgiu através do descaso da prefeitura com seu próprio espaço, sendo então apropriadas por essas lideranças tendo em vista a falta de locais de cultura e lazer ofertados pelo governo nessa periferia. A função social que essa casa de cultura exerce é de extrema importância para a comunidade, como relatou Day Moreira sobre o caráter cultural e assistencial da casa, sendo um lugar aberto para público, bastando apenas as pessoas chegarem e aproveitarem as atividades oferecidas nesse local. Há também uma biblioteca comunitária onde qualquer pessoa pode pegar um livro emprestado, tendo diversas opções, sendo algo importante pois não há bibliotecas públicas próximas, a não ser as das escolas que são para os alunos que nelas estudam, porém essa biblioteca comunitária é aberta para o público em geral, sem burocracias. É um espaço de luta social pela cultura, pois já sofreu tentativas de reintegração de posse pela prefeitura, onde o articulador Marcus explica:

“Foi a partir daí que a gente começou a caminhar com o MCP [Movimento de Cultura das Periferias]. É um movimento social que luta pela cultura das periferias que tem um braço de ocupações, no qual a casa está inserida, além de mais outras 32 ocupações na cidade de São Paulo que fazem essa luta. Depois, mais para frente, logo quando começou a pandemia, eles [a GCM] aproveitaram o momento que não tinha muita gente circulando aqui no espaço. Acabou invadindo aqui. Apresentou um ofício para quem tava aqui, mas nisso a gente já estava no diálogo com a secretaria de cultura para mudança de pasta, a gente já tava no MCP, e quando o secretário de cultura ficou sabendo, ele brecou esse avanço da GCM. A ocupação é uma luta contínua, a gente não sabe o dia de amanhã. O importante é estar organizado, sempre pautando o poder público”

Day Moreira complementa explicando que existe um outro terreno da prefeitura a menos de 100 metros da casa de cultura e está desocupado, ou seja, este terreno poderia ser utilizado pela GCM mas a prefeitura insiste em utilizar o terreno em que a casa de cultura está inserido e promovendo atividades culturais e assistenciais para a população, servindo de apoio para a comunidade que precisa tanto de um espaço assim.

Pensando na importância desses espaços na periferia, a ex moradora do Jardim Filhos da Terra, Nathália, de 25 anos, conta como que isso influenciou positivamente a sua adolescência na região:

“Nasci aqui. Para mim foi muito importante pois na minha adolescência passei muito tempo em centros culturais onde tive acesso a diversos cursos que me ajudaram no mercado de trabalho e ter acesso a esse ambiente me proporcionou um bom crescimento e formação de caráter diante de

assuntos apontados em rodas de escuta, debates, tive a oportunidade de aprender a conviver em sociedade respeitando a opinião do próximo.”

Além dela, o Rapper Emicida conta em entrevista para a BBC que era morador do Jardim Fontális, sendo o lugar onde nasceu e como foi importante a cultura na sua vida através do hip hop e da leitura:

“Eu nasci num bairro chamado Jardim Fontalis (zona norte paulistana), bem pobrinho. Meu pai morreu quando eu tinha seis anos, minha mãe se viu obrigada a criar a gente sozinha, eu mais três irmãos. Hoje é um bairro que tem bastante gente, asfalto recente se for ver, lojas, casas, mas quando cresci não tinha nada. Cresci ali, como eu falo na música, zombando da morte, andando no meio do fio da navalha. Só que acho que o que salvou a minha vida foram duas coisas, o hip hop e a leitura, as histórias em quadrinhos. A leitura começou a abrir um outro universo para mim. Aquilo começou a ocupar meu tempo de uma maneira tão grande, que eu comecei a me afastar dos “bagulho ruim” que tinha em volta.” (BBC NEWS BRASIL, 2015).

Nesta entrevista Emicida demonstra a importância do acesso ao lazer e a cultura, onde ter participado do movimento hip hop e ter o hábito da leitura foi um fator essencial na sua infância e adolescência. O lazer e a cultura são fundamentais para o espaço urbano tendo em vista seu sentido múltiplo, pois esse espaço não é apenas o lugar da moradia e do trabalho mas também é o lugar das mais diversas vivências da população que, assim como Milton Santos refere, trata-se da questão de ser um direito de acesso à uma vida decente para todos que sem essa garantia não há dignidade de vida, pois isso constitui o cidadão. A apropriação do espaço pelos próprios moradores na periferia é algo que revela uma grande potencialidade desse lugar, onde Ricardo Mendes menciona em seu texto:

Evidentemente, pensar estratégias para melhorar a qualidade de vida dos habitantes da cidade de São Paulo hoje significa também reconhecer e estimular suas potencialidades naturais e culturais de modo mais integrado, com vistas a permitir que a fruição do tempo livre se exerça de fato como atividade de emancipação social. (ANTAS JR., 2010, p.170).

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O processo urbano da Zona Norte 1 da cidade de São Paulo, área de estudo desta pesquisa, foi um processo historicamente vinculado a fatores econômicos, políticos e sociais que influenciaram sua ocupação através da expansão da mancha urbana do centro da cidade.

Essa expansão foi crucial para as demais ocupações que vieram a surgir, pois mudou o sentido da cidade que existia até então. Se antes a população mais rica e mais pobre moravam no centro da cidade, mesmo com suas diferenças de habitações onde muitos destes últimos moravam em cortiços, após o início do século XX essa dinâmica mudou onde a população mais pobre foi expulsa da região central através imisções políticas e econômicas sendo até mesmo motivados por preconceitos cientificamente legitimados (CHECCHIA, 2015) onde Holston explica esse processo que tinha como um dos fatores a administração científica da cidade, termo utilizado pela elite progressista naquele período para justificar suas ações que influenciaram na expulsão da população mais pobre.

Nessa conjuntura envolvia-se também crises econômicas, a crescente industrialização, entre outros fatores que modificam o espaço urbano, que durante a expansão da cidade os subúrbios passaram por alterações que deram origem às periferias com a mudança de seu conteúdo social através de uma nova dinâmica urbana espoliativa (KOWARICK, 1979,), como o aumento da pobreza, dificuldade da população de se manter nos centros urbanos onde tinham acesso a infraestrutura da cidade, etc.

A estrutura de grandes fazendas e chácaras que havia na maior parte da cidade passaram a ser loteadas pelos seus donos que frequentemente eram herdeiros dessas propriedades, e vendidas para a população em forma de longas parcelas, se afastando cada vez mais do centro e indo para as áreas mais distantes da cidade que eram áreas mais baratas por não terem toda a infraestrutura necessária e sendo frequentemente construídas através das autoconstruções, ou seja, feita pelos próprios moradores durante seus dias de folga do trabalho, por exemplo, para assim conseguirem sua casa própria. Além disso, as ocupações tiveram grande papel nessa extensão, onde a população pobre ocupava e tinha sua própria forma de

organizar aquele espaço, sendo feitas casas tanto de alvenaria com as autoconstruções como de barracos de madeira.

Analizando especificamente o caso dos bairros periféricos dos distritos Tremembé e Jaçanã, pode-se perceber que seu processo de ocupação passou pelas questões citadas anteriormente, como no caso do Jardim Fontális e os demais bairros vizinhos que compõe aquela região, sendo de grande importância o relato dos moradores que vivenciaram esse processo pois revela as motivações que os levaram para aqueles bairros além de mostrar as diversas formas que isso ocorreu.

A falta de políticas públicas efetivas para a moradia foi uma grande motivação para o surgimento desses bairros analisados nesta pesquisa, que se instalaram em áreas com falta de infraestruturas básicas como luz elétrica, saneamento básico, vias pavimentadas, entre outros que são necessário para que a população tenha o mínimo de qualidade de vida, porém essas áreas não tiveram o planejamento do governo e nem seu subsídio, enfrentando assim diversos problemas urbanos e sociais que acarretaram na exclusão socioespacial que a população mais pobre vem sofrendo, onde o começo do século XX é uma importante data para entender essa formação mas que isso ainda permeia a atualidade com novas características. Assim como mencionado nos relatos, os moradores ocuparam as áreas dos distritos Tremembé e Jaçanã pelas dificuldades financeiras que eles estavam passando e por acharem uma oportunidade de resolverem os seus problemas de moradia naquela região periférica, apesar de enfrentar os resultados dessa exclusão.

Estes assentamentos não ocorreram de forma unânime pois algumas áreas da região foram loteadas pois era uma antiga chácara, outras foram ocupadas e as pessoas que a ocuparam construíram suas moradias, outras pessoas ocuparam uma parte para si e venderam outro pedaço para outras pessoas a preços muito baixos e até mesmo parcelados informalmente ou trocando por alguma coisa, como carro velho, entre outras formas. É importante ressaltar que a crise como um todo no país influenciou essa dinâmica, tendo como exemplo que muitos desses moradores saíram de seus estados em busca de emprego e melhores oportunidades em São Paulo porém acabaram por ir morar nas áreas periféricas da cidade, como é o caso dos bairros Jardim Fontális, Jardim Felicidade, Joana Darc,

Filhos da Terra, entre outros mencionados nesta pesquisa, onde a população migrante teve grande influência nas conquistas por melhorias em suas regiões.

Tendo em vista todas as dificuldades que os moradores vivenciaram pela falta da ação governamental de forma efetiva, as lutas sociais foi um fator essencial para a mudança do espaço urbano, com melhorias que trouxeram mais dignidade para viver nessa região. A conquista da luz elétrica e saneamento básico após anos, pavimentação das ruas e uma unidade básica de saúde não vieram de forma fácil, veio através de muitas reuniões dos moradores, idas à prefeituras e insistência para que houvesse respostas, sendo que enquanto não havia esses equipamentos necessários para a infraestrutura de um bairro os moradores se organizavam e improvisavam essas estruturas, como referem nas entrevistas.

A intervenção dos moradores mudou a realidade daquela região onde os mesmos alegam que atualmente está bem melhor do que nos primeiros anos desses bairros porém, ainda assim, há suas problemáticas atuais, como o transporte público, as moradias que não tem reboco completo e com mofos, a saúde que ainda é insuficiente na região pois a população é muito grande e há apenas uma UBS para atender toda a demanda e a falta de espaços para o lazer nesses bairros, onde a iniciativa governamental para isso é ineficiente, tendo em vista que não trata-se de uma questão banal e sim de algo que complementa o direito à cidade, fazendo parte da qualidade de vida que muitas vezes é negada para parte da população sendo que outra parte tem amplo acesso, havendo então uma segregação.

As lutas sociais seguem sendo um agente transformador, demonstrando as potencialidades que esses lugares têm, onde a Casa Cultural Hip Hop Jaçanã é um dos exemplos dessa resistência, oferecendo atividades de lazer, cultura e até mesmo dando assistência à comunidade em relação à questões sociais, sendo então um lugar que deve ser preservado e incentivado pois gera um impacto social, assim como as lutas sociais que ocorreram no final dos anos de 1990 até o início dos anos 2000 foram essenciais para a transformação desse espaço urbano onde seu resultado impactou não apenas a população daquela época mas também as novas gerações que puderam usufruir das melhorias promovidas através desses movimentos, revelando um lugar de muitas potencialidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Jorge. **Mapa da Desigualdade**. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Tabelas.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

AGÊNCIA MURAL. **Em cinco anos, o número de favelas quadruplicou na Vila Guilherme**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/em-cinco-anos-o-numero-de-favelas-quadruplicou-na-vila-guilherme/>. Acesso em: 22/12/2022.

AMIGAS DE JOVA RURAL. Associação de Mulheres, 2014. **Trechos Históricos em 25 Anos de Jova Rural**. Disponível em: <http://amigasdejovarural.blogspot.com/2014/11/trechos-historicos-em-25-anos-de-jova.html>; Acesso em 06/01/2023.

ANTAS JR, R. M. **Uma geografia do lazer paulistano (Capítulo11)**. Em: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. (Org.). Curso de História de São Paulo vol. III, 2008.

AZEVEDO, Aroldo. **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. v. II-IV.

BBC NEWS BRASIL. **‘A pior coisa é você perguntar as horas e a pessoa esconder a bolsa diz Emicida sobre racismo no Brasil’**. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150824_entrevista_emicida_jc_rm. Acesso em 10/01/2023.

BONDUKI, Nabil; ROLNIK, Raquel. **Periferias**: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. 1. ed. São Paulo: Programa de Estudos em Demografia e Urbanização (PRODEUR), 1979. 130 p.

BOTELHO, Isaura. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo**: um desafio para a gestão pública. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/pt-br/publicacoes/os-equipamentos-culturais-na-cidade-de-sao-paulo-um-desafio-para-gestao-publica>. Acesso em: 17/11/2022.

BOTELHO, Isaura. **Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública**. São Paulo, 2004. Disponível em: https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/inline-images/espaco_debates.pdf. Acesso em: 17/11/2022.

CAVALCANTI, Flávio. **Ferroviias brasileiras em 1954**: mapas e informações EFS - Estrada de Ferro Sorocabana Tramway da Cantareira. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/mapas-ferroviarios/1954-EFS-Sorocabana-4-Tramway-Cantareira.shtml>. Acesso em 08/01/2023.

CHECCHIA, Ana Karina Amorim. **Contribuições da psicologia escolar para formação de professores: um estudo sobre a disciplina psicologia da educação nas licenciaturas**. 2015.

Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.47.2015.tde-07082015-114724. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-07082015-114724/pt-br.php>. Acesso em 19/12/2023.

DIÁRIO ZONA NORTE. **Em imagens antigas, contamos um pouco da história do Jaçanã, que faz 152 anos**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.diariozonanorte.com.br/em-imagens-antigas-contamos-um-pouco-da-historia-do-jacana-que-faz-152-anos/>. Acesso em: 18/10/2022.

DIÁRIO ZONA NORTE. **Parabéns Tremembé! Do passado do Tramway até agora, 131 anos de história.** São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.diariozonanorte.com.br/parabens-tremembe-do-passado-do-tramway-ate-agora-131-anos-de-historia/>>. Acesso em: 19/04/2022.

GAZETA DA ZONA NORTE: **Hospital São Luiz Gonzaga completa 110 anos de história.** São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.gazetazn.com.br/index1.asp?bm=m&ed=198&s=206&ma=1520&c=0&m=0>. Acesso em: 04/01/2023.

HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente: Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5113095/mod_resource/content/1/James%20Holston%20-%20Cidadania%20Insurgente.pdf. Acesso em: 10/05/2022.

JORNAL SP NORTE. **Mazzei: uma importante família na história do bairro.** São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.jornalspnorte.com.br/mazzei-conheca-a-historia-do-sobrenome-presente-em-vias-e-bairros-da-zona-norte/>. Acesso em: 19/04/2022.

JORNAL SP NORTE. **Mazzei: uma importante família na história do bairro.** São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.jornalspnorte.com.br/mazzei-uma-importante-familia-na-historia-do-bairro/#:~:text=Mazzei%20que%20conhecemos%20hoje%2C%20pela,mais%20importantes%20da%20Zona%20Norte>. Acesso em: 19/04/2022.

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LA PEÑA, Alberto de; RAMOS, Eduardo. Jardim Felicidade - história do bairro de São Paulo / SP. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YQa8cT8BCSk>. Acesso em: 15/03/2022.

MAGALHÃES , Beatriz. **Projeto Prato Verde incentiva o consumo de alimentos orgânicos na periferia de SP.** São Paulo: G1, 3 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/08/03/projeto-prato-verde-incentiva-o-consumo-de-alimentos-organicos-na-periferia-de-sp.ghtml>. Acesso em: 16/01/2023.

MAGALHÃES, GLADYS. **Memória: os 131 anos de história do Tremembé.** São Paulo: Gazeta de São Paulo, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/noticias/memoria-os-131-anos-de-historia-do-trememb-e/1098982/>. Acesso em: 18 out. 2022.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. Mulheres de Jova Rural criam associação e conquistam equipamentos públicos para o bairro. 2015. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/mulheres-de-jova-rural-criam-associacao-e-conquistam-equipamentos-publicos-para-o-bairro/>. Acesso em: 07/01/2023.

O FUTURO DE SÃO PAULO. Ocupação Cultural é ponto de resistência que reúne educação, cultura e autonomia no Jaçanã. São Paulo, 2022. Jornal Estadual da União da Juventude Comunista. Disponível em: <https://www.ofuturodesp.com.br/ocupacao-cultural-e-ponto-de-resistencia-que-reune-educacao-cultura-e-autonomia-no-jacana-a-historia-de-luta-emocao-e-construcao-popular-contada-de-dentro/>. Acesso em: 17/11/2022.

PMSP. Prefeitura Municipal de São Paulo. Histórico Demográfico do Município de São Paulo, 1950 a 2000. São Paulo: **Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, 2003.** Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/2000.php. Acesso em: 10/10/2022.

PMSP. Prefeitura Municipal de São Paulo. Histórico. **Jaçanã: o bairro e sua história.** São Paulo, 8 nov. 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/jacana_tremembe/historico/index.php?p=315&. Acesso em: 19/04/2022.

PMSP. Prefeitura Municipal de São Paulo. Projeto político-pedagógico. **Escola EMEF Jardim Fontális.** São Paulo, 2009.s.p.

PMSP. Prefeitura Municipal de São Paulo. **Saúde: UBS Jova Rural é aberta ao público.** 2019. Disponível em:

<https://www.capital.sp.gov.br/noticia/saude-ubs-jova-rural-e-aberta-ao-publico>.

Acesso em 07/01/2023.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4^a edição 2001.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada:** o caso da São Paulo. São Paulo: Nobel: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Editora Nobel, 1987.

SILVA, Stanley Plácido da Rosa. **O Tramway da Cantareira e sua relação com o desenvolvimento local:** infraestrutura urbana e transporte de passageiros (1893-1965). 2018. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-22102018-141355/pt-br.php>.

Acesso em 17/12/2023.

SOTO, William. **Subúrbio, periferia e vida cotidiana.** Subúrbio, periferia e vida cotidiana, Rio de Janeiro, p. 109-131, 22 fev. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/acabral,+Gerente+da+revista,+200804-109-131%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/acabral,+Gerente+da+revista,+200804-109-131%20(1).pdf). Acesso em: 11/01/2023.

APÊNDICE: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1) Como você chegou no Fontális? Se já nasceu aqui, como que seus pais ou responsáveis chegaram neste bairro e de onde vieram?
- 2) Como que era o bairro, suas características e quais eram as principais dificuldades que havia?
- 3) O que melhorou da época que vocês vieram para o Jardim Fontális e o que piorou ou continuou a ser um problema?
- 4) Como a melhoria veio? Foi através da luta dos moradores? Se sim, explique mais.
- 5) Como você vê o bairro hoje quanto a questões como saúde, educação, espaços de lazer?
- 6) Você acredita que o bairro é um bom lugar para se deslocar para ir ao trabalho? Como é essa questão da distância do local de partida e de chegada?